

IDEIAS COM HISTÓRIA®

Histórias de Abril

Um Passado com Presente

*Um olhar dos mais novos
sobre o 25 de abril de 1974*



Prefácio

A Revolução dos Cravos constitui uma das mais belas e importantes páginas da história do Portugal contemporâneo e assinala um momento que ficou, indelevelmente, associado à história do nosso território. Um momento de particular orgulho para todos os odivelenses.

Foi no Regimento de Engenharia nº 1, na Pontinha, que se instalou o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, hoje Monumento Nacional, ponto capital das operações militares que derrubaram as muralhas da ditadura e conduziram o nosso país à liberdade e à democracia.

A palavra “Pontinha” ficou, assim, inscrita neste capítulo tão relevante da nossa história, afirmando-se como o “Berço da Revolução”.

Por ocasião do 45º aniversário do 25 de abril de 1974, a Câmara Municipal de Odivelas lançou o desafio à comunidade escolar para despertar a memória e reviver a história. Um desafio que culminou nesta singular publicação, que reúne um magnífico espólio de registos, repletos de arte, talento e emoções.

Deixo, pois, uma palavra de apreço e de agradecimento a todos os que estiveram envolvidos neste projeto e, em particular, aos alunos pela sua enorme participação e empenhamento, que superou todas as expetativas.

Os valores e os ideais de abril encontram-se aqui muito bem representados nestes trabalhos, que refletem a irreverência e a criatividade de uma geração que nos traz a confiança e a esperança num país, e numa sociedade, cada vez mais livre e progressista.

Hugo Martins
Presidente da Câmara Municipal de Odivelas



Posto de Comando do MFA / Quartel da Pontinha

Porquê o Posto de Comando do MFA na Pontinha?

«Foi o capitão Luís Macedo, meu adjunto operacional, quem me fez decidir pela escolha do Regimento de Engenharia nº 1, para a instalação do posto de comando. Eu recebera um palpite do Lopes Pires, que ali fora 2º Comandante até pouco tempo antes. Considerava muito vantajoso embora não imprescindível que o Posto de Comando ficasse instalado num quartel. Teríamos à nossa disposição, grandes facilidades de estabelecimento de comunicações rádio e telefónicas, possibilidades de alojamento e de alimentação para nós e para os presos que fossem feitos durante o golpe.

Não tive qualquer dúvida em aceitar a sugestão de Lopes Pires e Luís Macedo. E foi nesse sentido que atribuí às forças do RE1 (Pontinha) a missão que consta da “Ordem de Operações”: “Protege e defende a unidade a todo o custo. Seleciona um local elevado para montagem do posto de comando. Seleciona um local, bem guardado, onde possam ser recebidos os oficiais superiores e os agentes da Brigada de Trânsito da GNR presos, a seguirem ao seu destino findo o estado de insurreição. Prepara a central telefónica para a emissão e receção de telefonemas”.

É desta forma que Otelo Saraiva de Carvalho, nas páginas 353/354 do seu livro “Alvorada em Abril” descreve a opção pelo Quartel da Pontinha para o Movimento dos Capitães aí instalar o posto de comando das operações que conduziram ao fim do Estado Novo, o 25 de Abril.

O Monumento Nacional

Em janeiro de 2001 foi celebrado um protocolo entre o Município de Odivelas e o Regimento de Engenharia nº1 destinado à dinamização do edifício, no Quartel da Pontinha, onde esteve instalado o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, (Posto de Comando do MFA) que se constitui como um espaço de memória aberto a toda a comunidade, tendo em vista perpetuar a memória do 25 de abril de 1974. Através da dignificação deste importante local e da criação de condições de apoio

aos visitantes, procurou-se não apenas a valorização do local, mas principalmente a sua divulgação junto do público escolar e de todos aqueles que manifestem interesse pelos acontecimentos que marcam a história do nosso país.

Foi inaugurado no dia 24 de abril de 2001 com a presença do então primeiro-ministro, António Guterres.

O Posto de Comando do MFA foi classificado como Monumento Nacional pelo Decreto Nº 21/2015 de 23 de outubro.

O Núcleo Museológico

É constituído por quatro salas de exposição, uma sala de atos e um auditório.

A primeira sala tem a exposição de longa duração que faz a historiografia dos dias 24, 25 e 26 de abril de 1974, que corresponde ao local onde foi implementado o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, no quartel da Pontinha. Propõe-se aos visitantes um regresso aos acontecimentos de então, pela leitura e observação de textos e imagens que fizeram a história daquele período.

Em exibição permanente está ainda um documentário cedido pela RTP, com imagens originais daquele período histórico.

A segunda sala é o Posto de Comando. Corresponde ao exato local de onde foram dirigidas as operações militares do 25 de Abril. A museografia desta sala é composta pelas representações dos “Capitães de Abril” Hugo dos Santos, Luís Macedo, Lopes Pires, Sanches Osório, Otelo Saraiva de Carvalho, Garcia dos Santos e Vitor Crespo e por mobiliário, mapas, telefones da rede fixa, telefones militares e um rádio, que nos transportam para aquele período histórico. Também estão patentes réplicas dos comunicados aqui redigidos e lidos durante a noite e madrugada no Rádio Clube Português.

As terceira e quarta salas, respetivamente “Sala Alfredo Cunha” e “Sala Álvaro e José Tavares”, exibem fotografias obtidas por estes fotógrafos, no dia 25 de abril de 1974.

No auditório é exibido um documentário respeitante ao 25 de Abril e também são realizadas múltiplas iniciativas, como palestras, encontros, sessões de formação e as regulares “Conferências da Liberdade”.

História Breve

Desde a sua inauguração, o Posto de Comando do MFA tem sido objeto de uma cuidada programação, sempre discutida e aprovada por ambos os parceiros que dinamizam o monumento, a Câmara Municipal de Odivelas/Divisão de Cultura e Turismo e o Exército Português/Direção de História e Cultura Militar.

No Posto de Comando do MFA já ocorreram muitas e importantes iniciativas, que têm contribuído para a dignificação e divulgação deste espaço. Mas, sobretudo, para que muitas pessoas, mas principalmente muitos milhares de estudantes conheçam o local de onde partiram as diretivas para que nos tornássemos um país livre e democrático.

São exemplos:

- “O Dia 25 no Posto de Comando”;
- “Onde Estava no 25 de Abril?”;
- “As Conferências da Liberdade”;
- “Avós e Netos no Posto de Comando”;
- “A Música, o Teatro e o 25 de Abril”;
- Exposições temáticas, programas de rádio e televisão.

São ainda frequentes as presenças dos “Capitães de Abril” no Posto de Comando, em entrevistas para órgãos de comunicação social e também para palestras a estudantes e a todos os cidadãos.

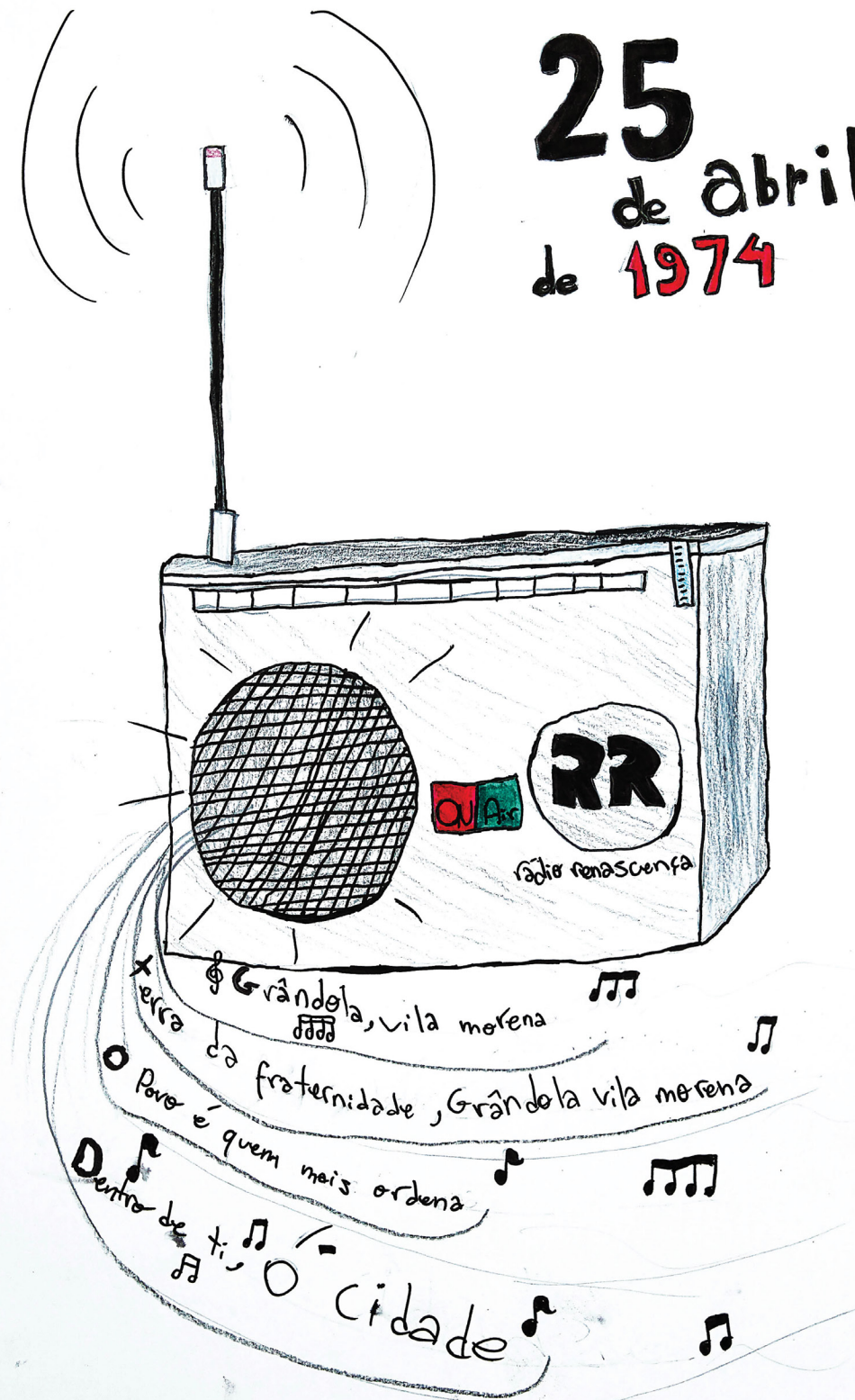
Mas, as realizações que a Câmara de Odivelas mais propicia a quem pretende visitar este espaço ímpar da História recente de Portugal, são as visitas orientadas a todos os graus de ensino.

Até hoje já visitaram o Posto de Comando mais de 60 mil pessoas.

Histórias de Abril

Um Passado com Presente

25
de abril
de **1974**



Era uma vez o 25 de Abril

Era uma vez um país...

Era um vez um povo com fome de liberdade, justiça e democracia!

Um povo sem voz nos destinos do país!

Um povo que sofria numa guerra sangrenta e cruel!

Um povo que não se podia expressar em liberdade!

Um povo sem sorrisos, em que só alguns tinham direitos!

Era uma vez um povo que viu nascer o dia em que os cravos da liberdade vieram para a rua!

Era uma vez uma canção que abriu as portas da liberdade!

Um povo que veio para a rua gritar em plenos pulmões “somos livres!”

Era uma vez uma revolução!

Era uma vez um país que conquistou a liberdade!

Texto: Ana Carolina Marques Patrício, Margarida Delgado Figueiredo e Maria Eduarda Aires Marques, 6º E, Escola Básica António Gedeão, AE a Sudoeste de Odivelas

Ilustração: Sênia Gomes e Sara Caetano, 6º E, Escola Básica António Gedeão, AE a Sudoeste de Odivelas

Um dia diferente

Mariana chegou a casa muito excitada e disse para a avó:

— Avó, na aula de História, falámos sobre a revolução do 25 de Abril. Nessa época já eras nascida, não eras?

— Claro que era — respondeu a avó — foi um dia muito bonito! Não só pelo que significou, mas por tudo aquilo a que pôs fim.

— Conta, avó — pediu Mariana.

— O dia amanheceu cheio de sol — começou a avó. — Para mim, era um dia igual a tantos outros da minha curta vida de doze anos.

— Quando é que deste conta que ia ser um dia diferente? — Perguntou a Mariana.

— Quando ia para a escola — continuou a avó — Vi muitos soldados armados e tanques na rua. Um deles chegou junto de mim e disse-me para voltar para casa, que não havia escola. Então, voltei para casa. Os meus pais ligaram a televisão e o rádio para perceberem o que estava a acontecer. Tratava-se de uma revolução. Fiquei assustada, mas felizmente acabou tudo bem, nas ruas via-se o povo e militares a festejarem. Mais tarde, compreendi que, nesse dia, terminavam quarenta e oito anos de ditadura e que Portugal voltava a ser uma democracia! Já passaram quarenta e cinco anos, Mariana, é nosso dever relembrar sempre este dia. Tu e os teus amigos têm um presente muito valioso que se chama Liberdade! Cuidem dela!

Texto: Carolina Agostinho Rodrigues, Inês Cordeiro Veiga Filipe, Leonor da Silva Ferreira David e Maria Leonor da Costa Simões, 6º E, Escola Básica António Gedeão, AE a Sudoeste de Odivelas

Ilustração: Lara Gama, 5º A, Escola Básica António Gedeão, AE a Sudoeste de Odivelas





Depois de abril

Depois da revolução do 25 de abril de 1974 o país mudou, a primavera surgiu em todo seu o seu esplendor! Os sorrisos apareceram nos rostos do povo, em cada esquina, em cada rua, em cada cidade! O país ficou em festa.

Depois de abril:

A liberdade foi solta e espalhou-se como as folhas num dia de vendaval. Abriram-se as portas das prisões e os presos políticos reencontraram finalmente a liberdade!

Depois de abril, a guerra acabou! Os jovens portugueses conquistaram a esperança de olhar um futuro sem medo. A sombra negra da PIDE desapareceu e a liberdade de expressão tornou-se uma realidade. O povo já podia falar sem medos, não havia nada a temer. Tinham uma palavra a dizer nos destinos do país. Conquistaram o direito ao voto!

Depois de abril, a democracia aconteceu!

Texto: Lara Sofia Pinto da Silva e Lia Raquel Nabais Silva, 6º E, Escola Básica António Gedeão, AE a Sudoeste de Odivelas

Ilustração: Patrícia Silva, 6º E, Escola Básica António Gedeão, AE a Sudoeste de Odivelas

Dia da Liberdade

Entrámos na máquina do tempo. Puxámos a alavanca L em sentido oposto. Depois de muitos solavancos, a geringonça parou.

Uma rádio tocava:

“Quis saber quem sou...” / “O que faço aqui...”

Mas que música é esta?! — perguntámos nós uns aos outros.

— Escutem... outra...

“Grândola, vila morena...” / “O povo é quem mais ordena...”

— Alguém sabe onde viemos parar?!

— Não!... O melhor é ir perguntar a alguém... Ou ir ver o que se passa! Que estamos em Lisboa, dá para ver... Mas em que data?

Na rua, encontrámos soldados armados, misturados com a multidão desarmada a gritar: “Viva a Liberdade”... “Viva o MFA”.

Há carros de combate e tanques de guerra à mistura com cravos vermelhos na mão do povo e no cano das espingardas... — Mas que coisa estranha!... pensámos nós.

— Olha ali, uma senhora rodeada de flores... Vamos perguntar-lhe que dia é hoje.

E a senhora muito admirada com a pergunta, informou que era o dia 25 de abril de 1974.

— Ah, é a Revolução dos Cravos! — dissemos nós.

— Revolução dos cravos?! Até faz sentido, tanto cravo que eu tinha e, agora, andam distribuídos por aí... Mas, o que lhes posso dizer, é que este é um dia muito importante: vamos ganhar a Liberdade, ter direito a dizer o que pensamos, a fazer as nossas escolhas, a ler os livros que nós quisermos, a cantar as canções proibidas e a escolher quem queremos que nos governe. Vamos terminar a guerra colonial. Vamos viver num país livre, onde as mulheres também podem votar, todos vão à escola e os trabalhadores podem manifestar-se livremente.

Viva a Democracia. Abaixo a Ditadura.

E a senhora, de cravo vermelho na mão, seguiu o seu caminho.

Quanto a nós, vamos carregar novamente na alavanca L (Liberdade) em sentido oposto e partir rumo ao presente.



Texto: Turma 4º B, EB1/JI Manuel Coco, AE Moinhos da Arroja

Ilustrações:

Lourenço Filipe, 5º E, Escola Básica Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

Pérola, 5º E, Escola Básica Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette



Antes



Depois

O que me contaram sobre o 25 de Abril ...

Segundo o que me contaram, havia palavras que não se podiam dizer, locais aos quais não se podia ir e, também, não se podia estar em grupos de amigos que eram olhados com suspeição. As pessoas eram presas e torturadas por não concordarem com as ideologias e opiniões dos senhores que governavam. A grande maioria da população tinha pouco dinheiro para poder comprar os bens essenciais. Havia muita gente revoltada com o sofrimento da guerra em África, que já tinha causado muitas mortes... Os meus avós estiveram lá, e não ganharam nada com isso! No dia 25 de abril, um grupo de soldados, revoltado com tudo o que se passava, em segredo, juntou-se. Os militares, sabendo que podiam morrer nesta revolta, foram até Lisboa e fizeram uma revolução na rua. A famosa revolução dos Cravos.

O 25 de abril de 1974

A Revolução de 25 de Abril, também conhecida como Revolução dos Cravos ou Revolução de Abril, foi um evento da História de Portugal que resultou do movimento político e social, ocorrido a 25 de abril de 1974.

Esta revolução colocou fim ao regime do Estado Novo, que era uma ditadura comandada por António de Oliveira Salazar, um regime autoritário e de opressão, que retirava direitos e liberdades aos cidadãos, como o de expressar livremente as opiniões, o que despertou no povo o seu descontentamento

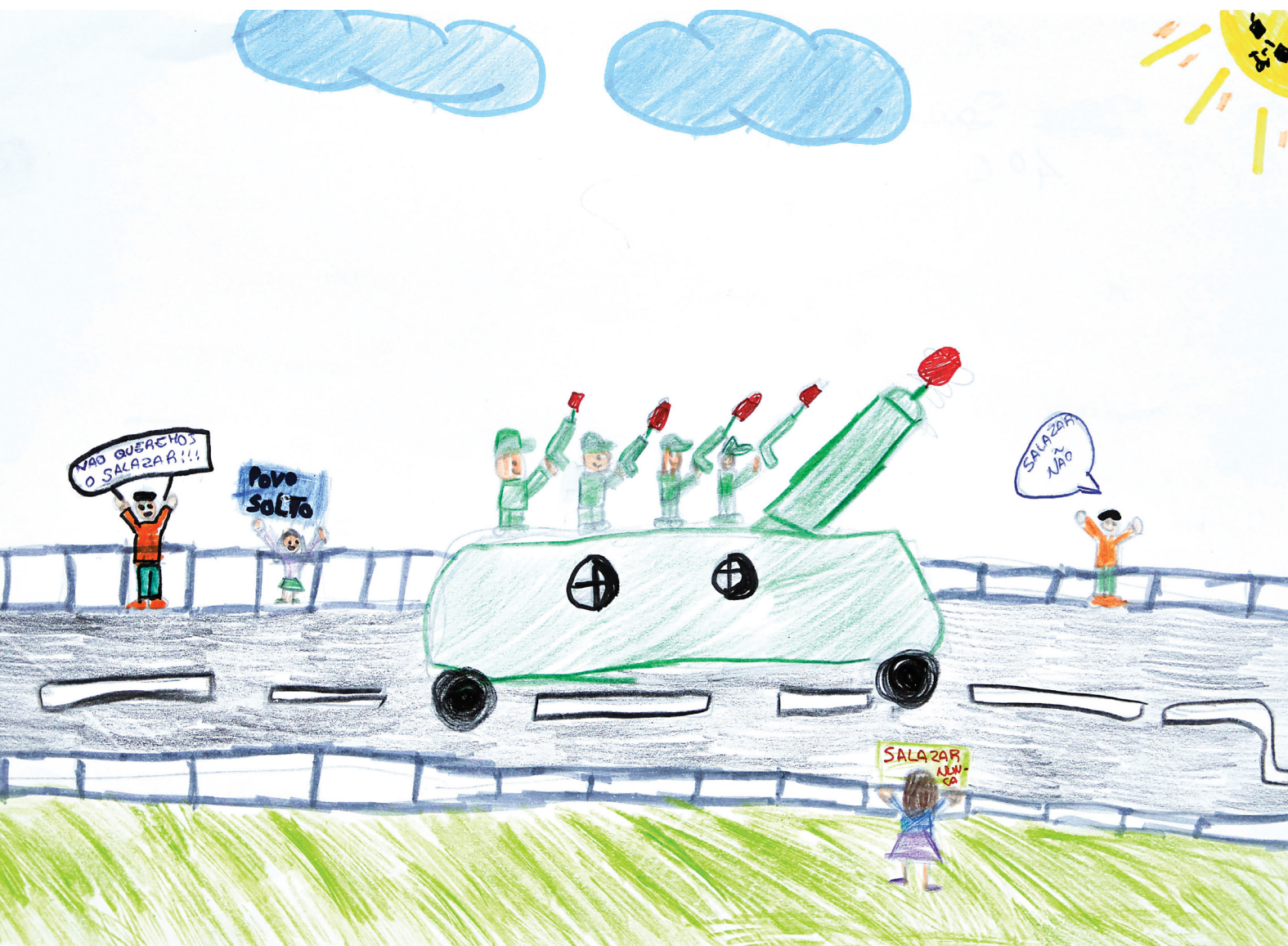
Na madrugada de 25 de abril de 1974, um grupo de militares caminhou pelas ruas com espingardas na mão, mas, nas pontas das armas, havia cravos, para mostrar que não se queria fazer uma Revolução com violência. Esta revolução conseguiu tirar Marcello Caetano do poder.

Assim, nascia a Democracia, um regime político em que a população escolhe os seus representantes através de eleições livres, baseando-se nos princípios de liberdade e igualdade de todos os cidadãos perante a lei.

A partir desse momento, os portugueses puderam escolher livremente, e sem qualquer forma de pressão ou medo, quem iria governar o país.

É por esta razão que o 25 de Abril também é conhecido por DIA DA LIBERDADE.





O 25 de Abril (Revolução dos Cravos)

O dia 25 de abril de 1974 foi um dia muito importante para o nosso país, talvez tenha sido, mesmo, o dia mais feliz na vida de algumas pessoas, pois com ele iniciou-se a Liberdade.

Os habitantes de Portugal viviam numa ditadura liderada por António de Oliveira Salazar. Enquanto este senhor estivesse no comando do governo, não se podia falar o que se pensava, pois havia uma polícia chamada PIDE que vigiava tudo o que os habitantes faziam e diziam. Se descobrissem algo contra Salazar ou contra a sua palavra, o destino era a prisão.

Como todos desejavam a liberdade, começaram a fazer-se greves e, até, se criou uma senha: quando a música “Grândola, Vila Morena”, cantada por Zeca Afonso, fosse emitida na rádio, tal significava que o Movimento das Forças Armadas podia avançar. Foi uma revolução sem violência, pois, em vez de balas, usaram-se cravos vermelhos.

Texto: Turma 4º A, EB1/JI Porto Pinheiro, AE Moinhos da Arroja

Ilustração: Turma 4º C, EB1/JI Porto Pinheiro, AE Moinhos da Arroja

A revolução dos cravos

A Revolução dos Cravos ou o 25 de abril de 1974 permitiu ao povo português descobrir a Liberdade.

O presidente Marcello Caetano foi obrigado a entregar o poder ao MFA.

Numa madrugada, militares do MFA (Movimento das Forças Armadas) ocuparam os estúdios da Rádio Clube Português e transmitiram comunicados à população, após a passagem das músicas “Grândola Vila Morena”, de José Afonso, e “Depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, que deram início à revolução.

Antes, os portugueses viviam em ditadura, eram analfabetos e viviam em condições extremas de pobreza. Apenas uma parte da população era privilegiada e tinha acesso à riqueza do país. A propaganda do Estado Novo transmitia uma realidade que não existia e, por isso, a oposição ia aumentando, ao mesmo tempo que muitos portugueses fugiam do país.

Com esta revolução, Portugal deixou de ser um país miserável e transformou-se num país grandioso!



Texto: Turmas 4º C e 4º A, EB1/JI Porto Pinheiro, Agrupamento de Escolas Moinhos da Arroja

Ilustração: Turma 4º C, EB1/JI Porto Pinheiro, AE Moinhos da Arroja



A Revolução dos cravos

Foi em 1933
Que tudo começou,
Salazar era o ditador
E em tudo mandou.

Foram tempos mal passados,
Salazar era mandão,
Quem falasse mal dele
Ia diretamente para a prisão.

As pessoas revoltadas
Pediram ajuda à força militar,
Como também estavam irritados
Prontificaram-se a ajudar.

No dia 25 de abril,
Quando começou a Revolução,
“Grândola, Vila Morena”
Foi a senha para o plano entrar em ação.

O povo saiu à rua,
Para ver a Revolução,
Fazer tudo sem luta
Foi a melhor solução.

A seguir ao grande dia,
Vivemos todos em LIBERDADE,
O tempo do Estado Novo
Não deixou nenhuma saudade.

Ainda hoje é lembrado,
Por toda a nação,
O belo cravo vermelho
O símbolo da Revolução!

Texto: Afonso Oliveira e Afonso Morna, 4º B, EB1/JI Porto Pinheiro, AE Moinhos da Arroja

Ilustração: Alicia Moreira, 8º A, Escola Básica Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

O dia 25 de abril

A revolução de 25 de abril, conhecida como a Revolução dos Cravos ou Revolução de Abril, ocorreu no dia 25 de abril de 1974, em Portugal, e colocou um ponto final no regime conhecido por Estado Novo. Com o fim da Ditadura, iniciou-se um Regime Democrático e a nova Constituição entrou em vigor a 25 de abril de 1976.

O Movimento das Forças Armadas (MFA), um movimento controlado pelos militares, foi pacífico, pois não houve balas e, sim, cravos. Procurou-se não causar danos, embora se tivessem registado quatro mortes e quarenta e cinco feridos.

Tudo isto foi por causa do presidente António de Oliveira Salazar e quase toda a gente era contra o Estado Novo, pois não gostavam das regras impostas: não falar mal do governo, não comer ou ter produtos estrangeiros...

Em setembro de 1968, António de Oliveira Salazar sofreu uma grave queda e foi substituído por Marcello Caetano.

A senha para iniciar a Revolução do dia 25 de abril era a música do cantor Paulo de Carvalho, “E Depois do Adeus”, que, ao ser emitida na rádio, serviria para avisar os militares de que a revolução estava em curso.

Depois, para não ficarmos sem governação, o senhor António de Spínola foi nomeado Presidente.

O 25 de Abril foi um momento histórico muito importante para Portugal.

Texto: Turma 4º A, EB1/JI Porto Pinheiro, AE Moinhos da Arroja

Ilustração: Luna Fontes, 6º A, Escola Básica Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette





25 de Abril

Com um golpe militar
 Instalou-se uma ditadura
 Quem diria que o povo iria viver
 Tamanha amargura...

Salazar
 Estado Novo
 Medo
 Repressão
 Autoritarismo
 Censura
 Prisão!
 BASTA!

Precisamos de ação!
 JÁ!

A Revolução dos Cravos,
 Da madrugada de abril de setenta e quatro
 Pôs fim a estes abalos!
 Viva o POVO,
 Viva a DEMOCRACIA,
 Viva a LIBERDADE,
 Viva PORTUGAL!
 Que com cravos na mão
 Nos devolveu a Nação!
 NÓS SOMOS A DEMOCRACIA.

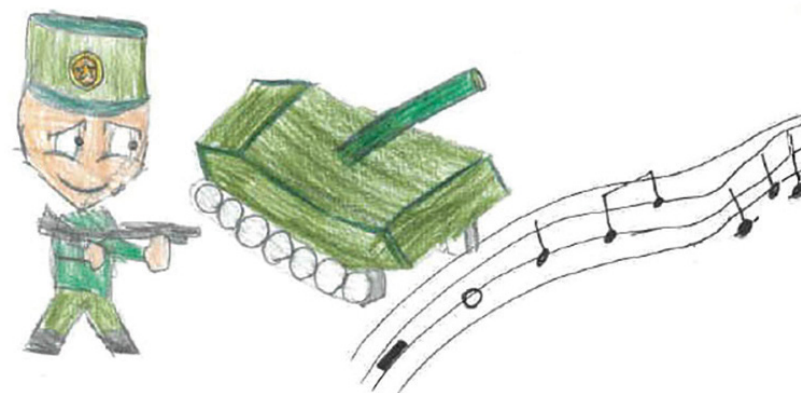
Texto: Maria Rita M. Valente, 4º L, EB Veiga Ferreira, AE a Sudoeste de Odivelas

Ilustração: Turma 4º L, EB Veiga Ferreira, AE a Sudoeste de Odivelas

25 de Abril, hoje

Era uma vez um país, chamado Portugal, que há muitos anos atrás vivia numa ditadura. As pessoas não tinham o direito a manifestar a sua opinião. 45 anos depois também nós saímos à rua para saber como foi.

A avó Alda contou-nos que no dia 24 de abril de 1974, à meia noite, começou a dar a música de Zeca Afonso, “Grândola, Vila Morena”, era a senha para os militares começarem a revolução. O avô Vitor estava em casa de uma amiga e ouviram uma mensagem dos militares. Nesta altura, os militares dirigiram-se para Lisboa. A vizinha Bivó relatou-nos que “quando nos levantámos, vimos muitos militares nas traseiras da casa. Perguntámos-lhes o que se passava e ficámos a saber que estava a acontecer uma revolução”. A tia Ana descreveu-nos: “nessa manhã fui acordada pelos meus pais que em grande euforia, gritavam vivas à Liberdade”. A avó Beatriz, ao passar na Avenida Almirante Reis, viu uma grande manifestação; mas em vez de balas nas espingardas viam-se cravos vermelhos. A avó Helena estava em Angola e disse-nos que “no dia 26 quando, cheguei à escola, falava-se em surdina de um golpe de estado que tinha havido em Portugal”. A avó Alda finalizou a nossa história dizendo que na rua o povo gritava “Liberdade! Liberdade!”.





25 DE ABRIL 1974



Testemunho

O meu nome é Maria Joana, nasci a 17 de junho de 1962. Vivia numa família muito pobre, pois a ditadura afetava-nos, bem como a todo o povo português.

O meu pai, João Manuel, era militar e não ganhava muito dinheiro, enquanto a minha mãe, Maria do Carmo, era empregada doméstica e o pouco dinheiro que tínhamos não permitia o nosso sustento.

Acordei numa fria manhã de abril de 1974, com um som que só podia ser metal pesado a bater na pedra da calçada. Fui à porta ver o que se passava e à minha frente estava o meu pai vestido com o seu uniforme de militar, dizendo-nos para ficarmos em casa. Eu não acatei a ordem e fui para a rua: vi muitos tanques e meias-lagartas (tipo de carro militar) e dezenas de militares com cravos nos bolsos. Acompanhando a multidão, fui a correr para o quartel do Carmo e, no percurso, vi um PIDE em pânico a disparar contra as pessoas que lá estavam, acabando por matar quatro jovens e ferir muitas pessoas, mas esse elemento da polícia foi logo preso.

Passadas umas horas, o quartel do Carmo foi facilmente tomado e um novo regime político foi instaurado — a democracia.

Texto: Turma 7º 7, Escola Secundária Pedro Alexandrino, AE Pedro Alexandrino

Ilustrações:

Bárbara Silva, 7º 7, Escola Secundária Pedro Alexandrino, AE Pedro Alexandrino

Rui Cruz, 7º 7, Escola Secundária Pedro Alexandrino, AE Pedro Alexandrino

25 de Abril

Salazar deu nome à ditadura
40 anos passaram sem ternura
com punho de ferro governou
até que o povo se fartou.

A tristeza, angústia, medo
e falta de liberdade
foram marcos de infelicidade.
O povo e o MFA
lutaram pela integridade.

Assim no dia 25 de abril de 74
a força renasce,
o MFA toma a atitude
um marco aparece
e a esperança cresce.

No quartel do Carmo se escondia
Marcello Caetano que tanto temia...
Salgueiro Maia apareceu
Logo Caetano se rendeu.

A multidão sai à rua
A senhora dos cravos aparece
As espingardas cansadas de tanta prece
Trocam as balas por cravos vermelhos
E foi assim que os soldados novos e velhos
Gritaram liberdade graças a um capitão
Devolvendo-se assim alegria à nação.

Mês de abril
Mês de felicidade
Veio a democracia!
Viva a liberdade!

Texto: Turma 4º A, EB Casal dos Apréstimos, AE Vasco Santana

Ilustração: Turma 4º A, EB Casal dos Apréstimos, AE Vasco Santana





Liberdade

Com diferentes formas,
Vários significados.
Todos devemos ser recompensados
Com este conceito que causa dilemas.

É a liberdade!
Já há muito esperada,
Por todos cobiçada,
Tornada realidade!

Há quem peça,
Para, simplesmente, ser livre.
Não é grande quebra-cabeças!

Para outros é garantida,
Assim que a vida começa,
Uma alegria conseguida.

Texto: Clara Mestre, 9º E, Escola Básica 2/3 Vasco Santana, AE Vasco Santana

Ilustração: Soraia José, 9º E, Escola Básica 2/3 Vasco Santana, AE Vasco Santana

SE EU PUDESSE

Se eu pudesse...
Parava o tempo,
Voltava ao passado,
E acabava com a guerra
Contra os nossos irmãos africanos.

Se eu pudesse...
Não tinha ido à guerra em África
E aproveitava todos os momentos.

Se eu pudesse...
Acabava com os gritos dos meus companheiros
A pedirem ajuda e a pedirem para pararem os tiros,
As mortes, as emboscadas, os mutilados...

Ah, se eu pudesse mudar a História...

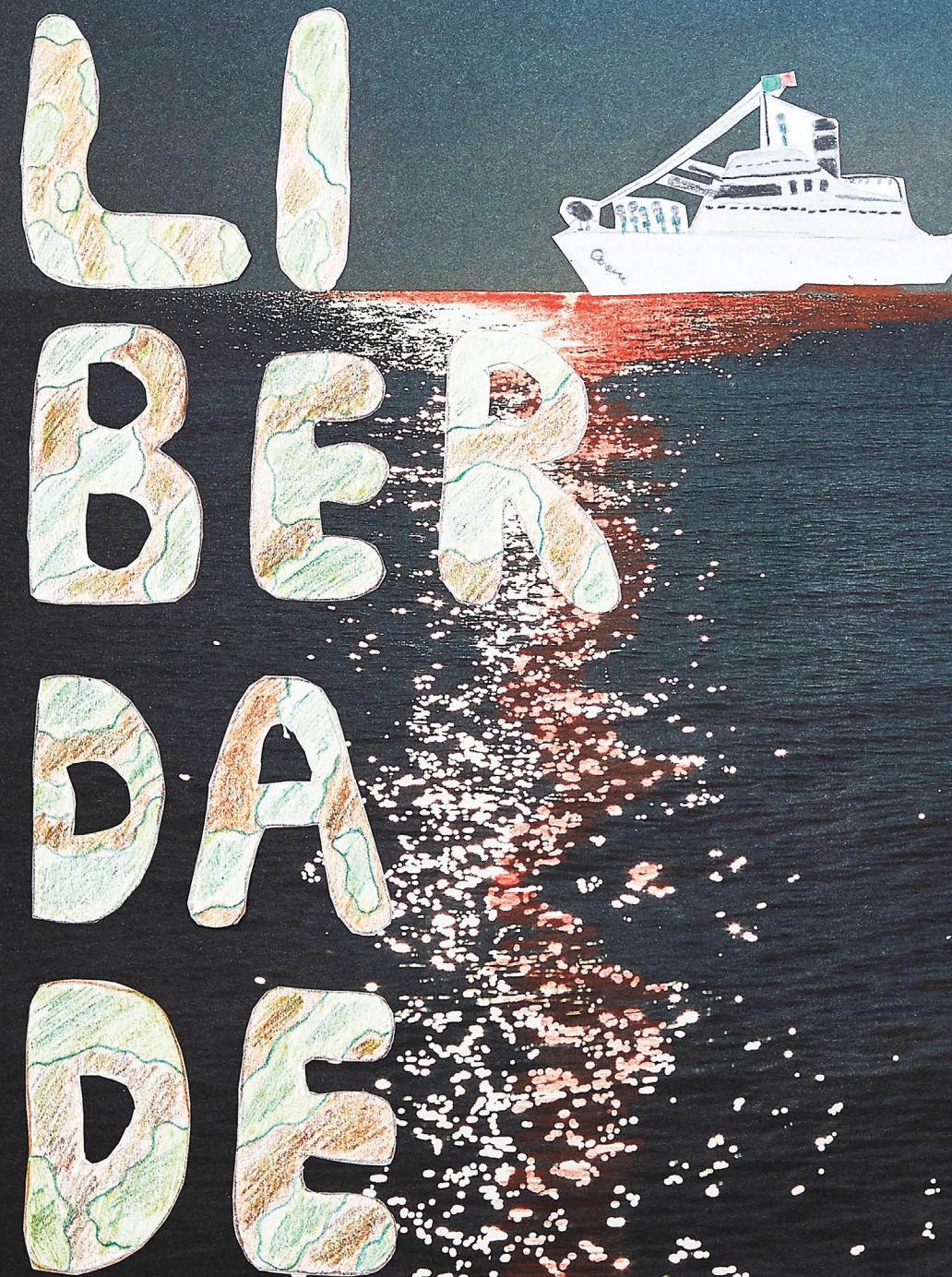


Texto: Bernardo Leal, 6º F, Escola Básica 2/3 Vasco Santana, AE Vasco Santana

Ilustrações:

Bernardo Leal, 6º F, Escola Básica 2/3 Vasco Santana, AE Vasco Santana

Mafalda Ramos e Mariana Coelho, 6º E, Escola Básica 2/3 Vasco Santana, AE Vasco Santana





O Florescer da Liberdade

O calendário marca 25 de abril. A chuva miudinha cai lá fora, regando os cravos da minha avó. Sentados à janela, ela recorda aquele que foi o mais importante abril da sua vida.

Repetia baixinho a frase que lhe ficara na memória “Morte à PIDE”, enquanto eu lhe perguntava a realidade que se vivia naquela altura, e sentia a acalmia e tranquilidade com que me contava.

Falava-me então da liberdade que outrora não se fazia sentir. Antes não podia contar-me tudo isto sem receios como o faz agora. Dar a sua opinião? Só às escondidas! Pois no café, na escola ou no trabalho, corria-se o risco de ser apanhado.

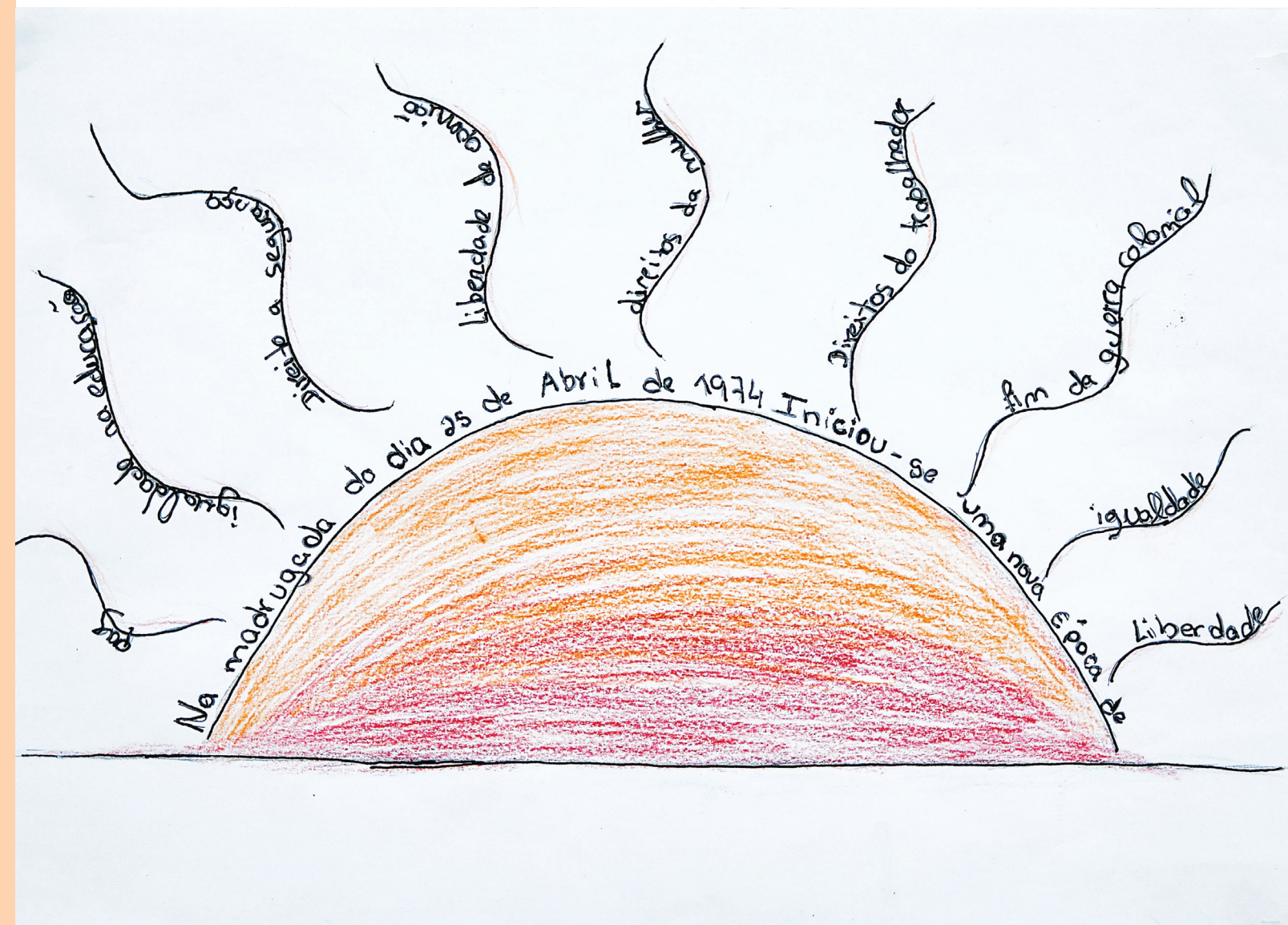
Foi só mais tarde, quando regressei a casa e conversei com os meus pais que percebi que havia mais que um ponto de vista da grande mudança que se sentira, o meu pai que morava no campo naquela época, embora muito novo, conta que tudo foi diferente e que a sua mãe, minha avó paterna, conta inúmeras vezes que não notou qualquer diferença ou qualquer mudança...

Pois o conceito de liberdade para uns não tem o mesmo significado para outros.

Diferenças

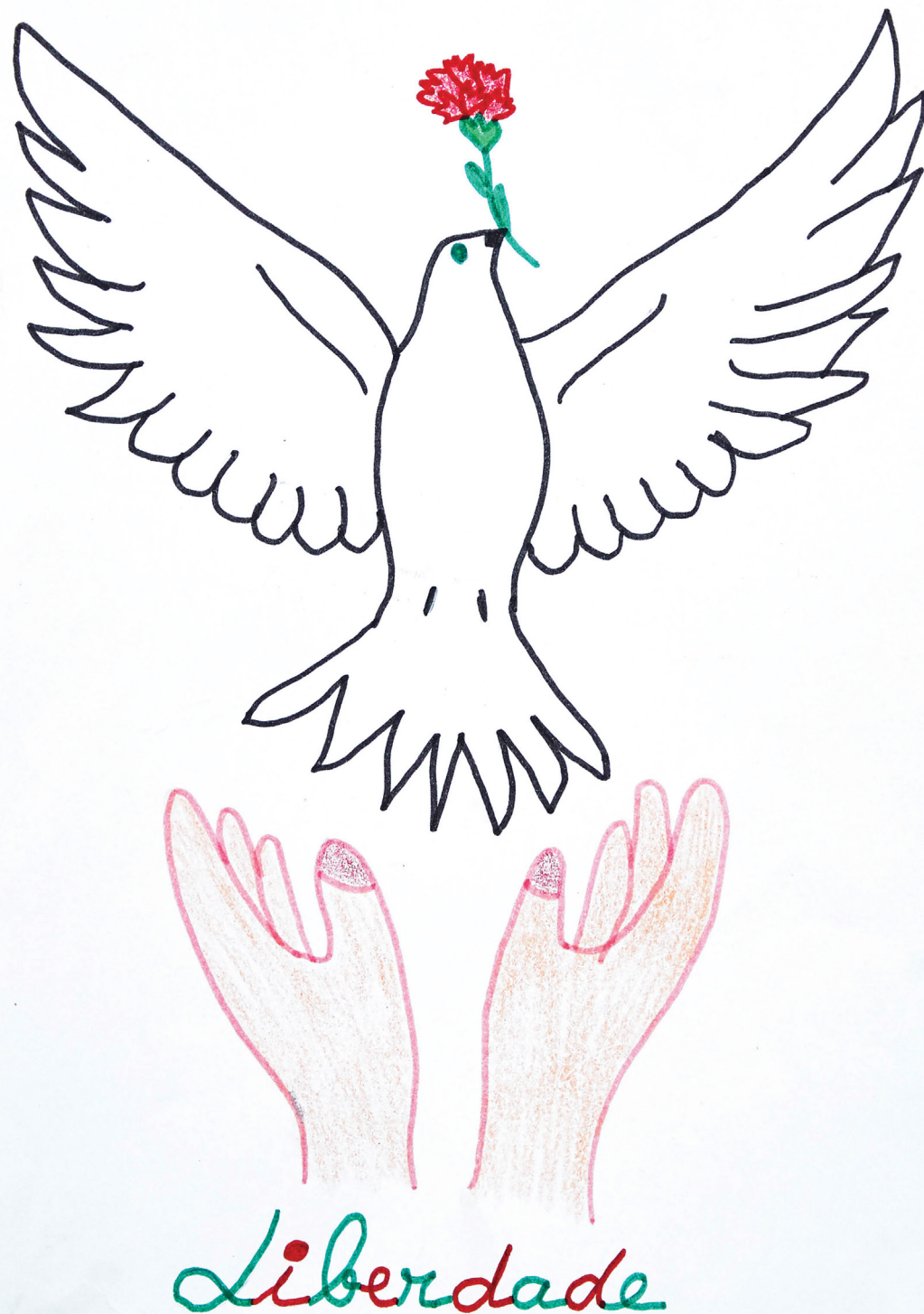
Antes do vinte e cinco de abril as pessoas eram mais reservadas dado que tinham medo de expressar o que pensavam, e não só, pois havia muita pobreza e tinham grandes dificuldades em encontrar emprego. Mas assim que se deu a revolução, tudo começou a mudar: as pessoas começaram a falar sem medo e sem anseio, continuou a haver pobreza mas já não há tanta como naquele tempo e por isso melhorou a vida das pessoas, na questão de arranjar emprego.

Contudo, mais liberdade também significou mais confusão nas ruas, visto que já não havia tanto pavor no ar e já não se temiam, como antes, as autoridades. Um aspeto positivo foi o fim da tortura, da PIDE e da Guerra do Ultramar uma vez que estes três factos serviram, principalmente, para o sofrimento de várias pessoas.



Texto: Inês Cerdeira, 8º H, Escola Secundária de Caneças, AE de Caneças

Ilustração: Jéssica Cruz, 8º H, Escola Secundária de Caneças, AE de Caneças



Posso voar?

Inverno intenso, no meu coração,
Nesta Lisboa cinzenta.
Cheia de gente odiosa e avarenta.
Cheia de represálias e repressão.

Pensar? Como eu pensava...
Falar? Como eu falava...
Agora apenas aceno com a cabeça,
Em confirmação a tudo e nada.

Meus poemas, rasurados...
Minhas palavras, manipuladas...
Meus pensamentos, esquecidos...
Minhas ações, forçadas...

Emprestas-me as tuas asas, meu amor?
Posso voar nelas?
Estou farta destas janelas,
Que há anos prendem o rancor!

Nelas eu voaria longe contigo.
Para leste, mas não do paraíso!

Só queria ter direito a um último sorriso...
Só queria... Já nem sei bem...
Já nem sei o que deixei...
Já nem sei o que desapareceu...
Só sei que agora já não tenho nada meu...

Texto: Diana Oliveira, 9º A, Escola Secundária da Ramada

Ilustração: Turma 4º A, EB António Maria Bravo, AE Adelaide Cabette

Cada vez que recordo esses tempos, lembro-me da tristeza em que vivia, principalmente das ruas, tristes e sem cor. Televisão a preto e branco, jornais, livros, músicas censuradas, sem liberdade. “Liberdade”, a palavra mais reprimida e menos respeitada, mas que me dava motivos de viver.

Os palcos gigantes, os aplausos, os gritos, as vénias, tudo por medo, apenas isso. Descontentamento, conflitos sociais, tudo tornava este Portugal numa completa tristeza. Os jantares acabavam quase sempre com “tudo menos política”. Na verdade, não percebia nada disso até ao momento em que chego a casa e pergunto ao meu pai o que era a ditadura. Revistou-me a pasta, a roupa, tudo pelo medo que ele sentia de me perder. Não carregava nada suspeito, para além do peso da expectativa e o desleixo do desconhecimento. Qualquer “erro” ou desvio poderiam acabar mal. Vivia-se um ambiente tenso. Lembro-me de acordar durante a noite, assustada. Todas as semanas recebia cartas do meu irmão que estava na tropa. Eram tempos tristes, nesta altura. E agora 25 de abril é só mais uma data para muitos jovens, só mais um dia normal sem escola ou trabalho.

Texto: Matilde Brito, 9º E, Escola Secundária da Ramada

Ilustração: Isabella Caldas, 5º B, Escola Básica 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette





O meu nome é Filipe, fiz 8 anos. É dia 6 de maio de 1968. Vivo perto de Lisboa; o meu irmão está na guerra colonial.

Acordei, o meu pai já tinha saído para o trabalho. É condutor da Carris. A minha mãe estava na cozinha, muito triste, sentia saudades do meu irmão mais velho. Ela é cabeleireira e faz tudo em casa: trata da roupa, cozinha, limpa a casa e vai trabalhar. O pequeno-almoço estava na mesa. Comi, peguei na minha pasta e fui com os amigos do bairro para a escola. Quando chegámos, entrámos por um portão; as raparigas entraram por outro.

No fim do dia, voltámos juntos, a correr e a brincar. Ao entrar em casa vi o meu vizinho todo espancado. “O que aconteceu?”; não disse nada.

Fui ter com o João para saber o que tinha acontecido. Contou-me que o primo tinha ido a uma manifestação contra o governo, que insistia em manter a guerra nas colónias, sem negociar a independência e, por isso, a polícia lhe bateu.

Lembra-me o meu irmão na guerra e quanto mais penso, menos gosto do assunto. Cheguei a casa, os meus pais estavam a falar da família que tinha emigrado para França. Quando a minha mãe me viu, levou-me para a cama. Tinha um ar preocupado e exausto. Adormeci com todas estas preocupações na cabeça.

Texto: Lara Lomba, 9º E, Escola Secundária da Ramada

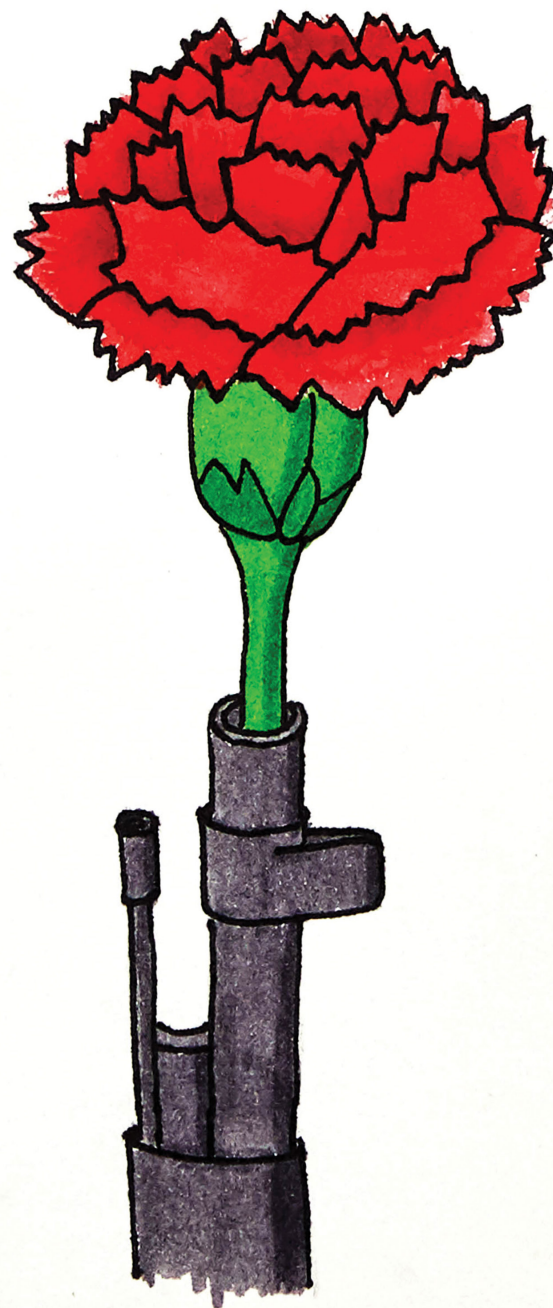
Ilustração: Pamela Silveira, 3º/4º C, EB António Maria Bravo, AE Adelaide Cabette

Antes do 25 de Abril não existia liberdade e por isso existiam a PIDE e a censura. Estas controlavam várias atividades e escolhiam o que o povo podia ler, escrever e ver nos jornais e televisão. Muitos livros eram apreendidos pela censura. Nas escolas, os rapazes e as raparigas eram separados em turmas diferentes. Todos os alunos eram obrigados a rezar diariamente e o professor podia usar castigos físicos. Era obrigatório que todos os jovens cumprissem serviço militar e havia a guerra nas antigas colónias. Os chefes de família eram os maridos e eles tinham muitos direitos sobre as mulheres. As mulheres que eram enfermeiras, telefonistas e hospedeiras da TAP não se podiam casar e as que eram professoras precisavam de ter uma autorização especial para poderem casar.



Texto: Margarida Nunes, 9º A, Escola Secundária da Ramada

Ilustração: Beatriz Rito, 5º A, Escola Básica António Gedeão, AE a Sudoeste de Odivelas



Um cravo passava perante mim, preso, voava à vida sem fim...
Cada gota derramada era um sufoco, uma dor,
que durante tantos anos tinha perdido o seu sabor.

Foi guerra, foi uma luta travada sem sangue,
onde perdurava a revolta contra o silêncio
que sufocava a voz da expressão há muito controlada.

Houve sorrisos, houve beijos
Houve amor do cabelo até aos joelhos
Houve tiros sem balas, houve cravos a voar
Houve a bala que eu disparei que ao teu coração foi parar.

Um cravo hoje passa por mim, livre.
E voa à brisa sem fim.

Texto: Gonçalo Francisco, 12º B, Escola Secundária da Ramada

Ilustração: Margarida Martins, 12º B, Escola Secundária da Ramada

Não sou um preso político.
Sou um preso no lírico.
Um prisioneiro da escrita
e do passado.

Infelizmente estou só.
Uma prisão cheia de gente vazia
ou uma prisão vazia
por causa de gente com a barriga cheia.
Não sei bem...

Sei que em 40 anos
muito é esquecido.
A luta que foi
e os terrores sofridos
são, agora,
motivo de fazer filmes
todos os anos na RTP
para mostrar ao povo
que a liberdade existe.

Texto: Nuno Gil, 12º B, Escola Secundária da Ramada

Ilustração: Margarida Martins, 12º B, Escola Secundária da Ramada





Liberdade

A liberdade é um pintor ter possibilidade de escolher a tinta e imaginar a arte que vai criar.

Liberdade é uma criança escolher brincar à hora que quiser.

Liberdade é uma mãe descansar depois de cuidar dos filhos.

Liberdade é conhecer os locais que desejamos.

Liberdade é a possibilidade de ter concentração e momentos de silêncio.

Liberdade é realizar sonhos.

Todas as pessoas gostavam de ter liberdade mas nem todas a têm.

Para muitas pessoas liberdade seria terem uma casa, um bom emprego e comida.

A liberdade é boa quando penso no meu bem-estar e simultaneamente no das outras pessoas.

Texto: Turma 3º/4º C, EB 1 António Maria Bravo, AE Adelaide Cabette

Ilustração: Turma 3º/4º C, EB 1 António Maria Bravo, AE Adelaide Cabette

Liberdade é...

... pensar sem limites.

... é ser feliz.

... é respeitar e ser respeitado.

... é ter paz e harmonia.

... é ajudar os outros com amor.

... é respeitar as opiniões dos outros e saber perdoar.

... é ter uma família para nos dar carinho e amor.

... é ter um trabalho.

... é cantar todas as letras aqui e em qualquer lugar.

... é ter direito a falar.

... é criticar com construção.

... é ter direito à sua opinião.

Assim, numa madrugada de abril,

Neste país chamado Portugal

Nasceu a Liberdade

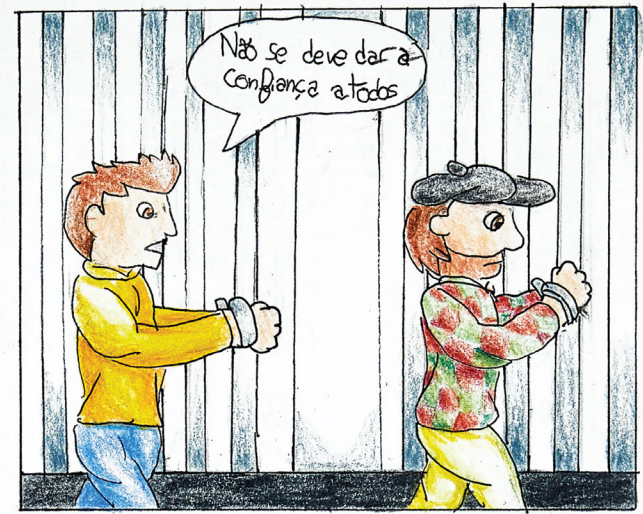
E nada ficou igual.

Viva a Liberdade!

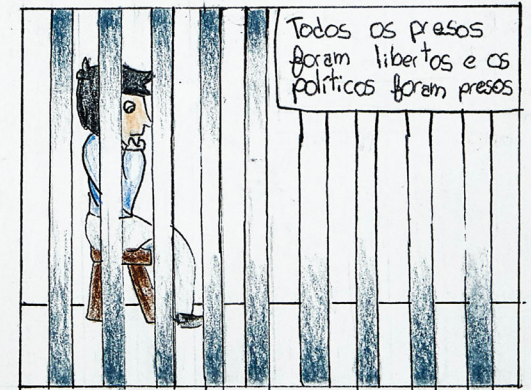
Texto: Turma 4º A, EB 1 António Maria Bravo, AE Adelaide Cabette

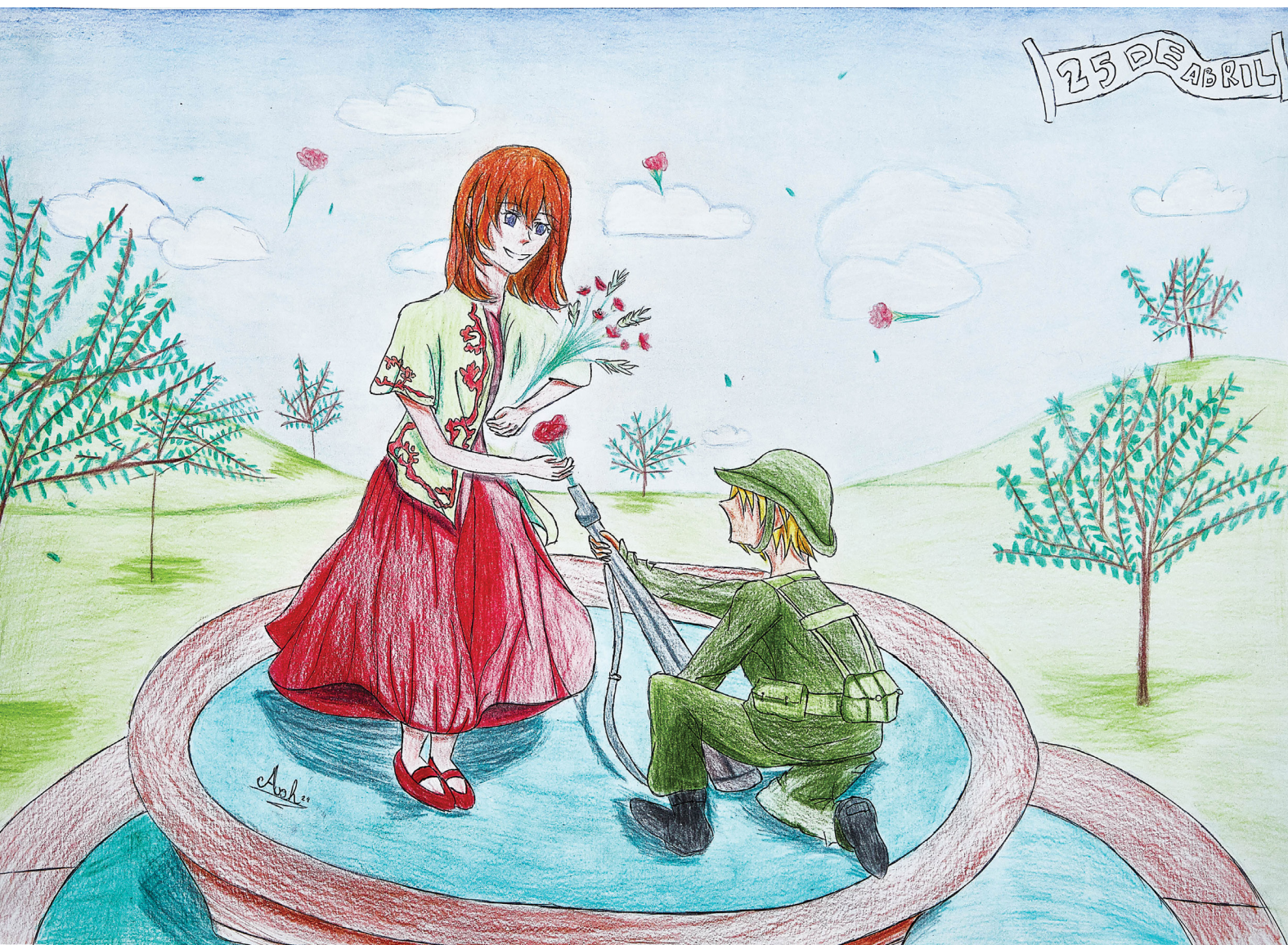
Ilustração: Turma 4º A, EB 1 António Maria Bravo, AE Adelaide Cabette





E foi no dia 25 de abril de 1974, que não foram disparados balas das armas, mas sim cravos, ou seja, foi uma revolução sem sangue. É por isso que o cravo é o símbolo do 25 de Abril.





Lembrar o 25 de Abril

O 25 de abril de 1974 foi uma revolução épica, fantástica, maravilhosa. Terminou com a terrível e medonha ditadura que prendia, torturava, exterminava as pessoas que discordavam do regime fascista. Fez nascer a luz da esperança na democracia, por um mundo melhor!

Finalmente, as portuguesas e os portugueses podiam respirar um ar puro e leve de esperança pela liberdade, igualdade e solidariedade.

Por fim, havia o direito à opinião livre e fundamentada, o direito à diversidade, o direito aos vários partidos políticos, à igualdade de género e em todos os sentidos.

Foi também, o fim da terrível Guerra Colonial, com a qual ninguém concordava!

Foi um período de libertação e felicidade, em que as pessoas puderam finalmente, ser quem queriam e livremente dizer o que pensavam!

Viva a liberdade e a democracia!

Texto: Maria do Carmo e Joana Ramalheiro, 6º D, EB 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

Ilustração: Ashley Oliveira, EB 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

Sabes o que foi o 25 de Abril?

A 25 de abril de 1974 aconteceu uma revolução em Portugal — a Revolução de Abril, também conhecida como a Revolução dos Cravos. Esta refere-se a um evento da História de Portugal resultante de um movimento político e social.

Portugal vivia num regime de ditadura. Existiam palavras que não se podiam dizer, locais aos quais não se podia ir e reuniões entre amigos que eram proibidas.

As pessoas eram presas e torturadas por terem opiniões diferentes das do Regime. Os jornais, a rádio e a televisão eram controlados e a censura é que decidia o que ler, ouvir e ver. As pessoas não podiam exprimir opiniões e estavam sujeitas a uma grande repressão.

O Regime tinha uma polícia específica, a conhecida PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). A PIDE infiltrava-se e descobria quem estava contra o Governo, prendendo e torturando em cadeias que serviam para o efeito, alguns transformados atualmente em Museus: o Forte de Peniche, a Cadeia da Relação do Porto e a Prisão do Aljube.

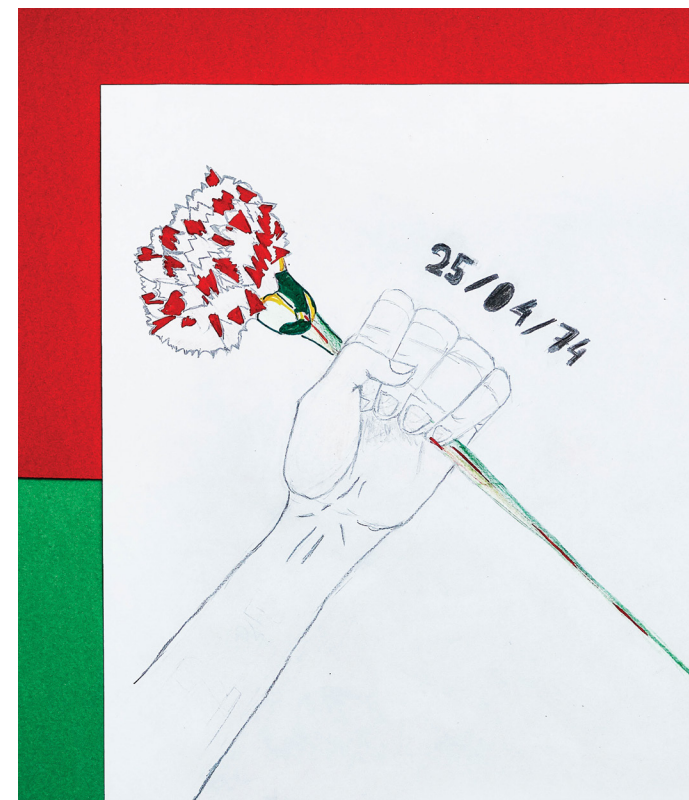
As torturas foram acontecimentos inerentes a este Regime, cuja figura dominante foi Salazar. Daí o Salazarismo.

A grande maioria da população era pobre e não tinha dinheiro para aceder às necessidades mais básicas. Além disso estavam cansados da Ditadura e da desigualdade. O 25 de abril de 1974 foi então um facto muito importante ao pôr termo ao Fascismo, dando liberdade ao povo que viveu oprimido durante muitos anos. Alguns militares juntaram-se em segredo, correndo um grande risco pessoal, para organizar a Revolução. Lisboa foi o local onde o Movimento das Forças Armadas, composto por militares derrubou o Regime, e em que o povo se associou em massa ao movimento militar. Nessa madrugada, os militares do MFA ocuparam os estúdios do Rádio Clube Português e explicaram à população que pretendiam que Portugal fosse uma democracia com direitos e liberdades.

A Revolução foi bem recebida pela população portuguesa, que foi para as ruas sem medo. Os militares portugueses conseguiram derrubar o Estado Novo sem

recorrer à força — não houve violência. Foi uma guerra pacífica vivenciada com muita emoção por todo o país. Não houve sangue derramado. Em vez de balas, que matam, houve cravos, significando o renascer da vida e a mudança.

O 25 de Abril permitiu que a sociedade portuguesa se transformasse, libertando aqueles que sentiram humilhações profundas, quer físicas quer psicológicas. Muitos dos nossos avós, tios ou primos mais velhos estiveram nessa guerra, e sofreram muito, ao lutar por algo que nos favorece, podendo hoje todos nós viver em Liberdade.



Texto: Joana Ramalheiro e Maria do Carmo Lima, 6º D, EB 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

Ilustração: Luiz Batista e Elber Martins, 8º A, EB 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

Uma História com Liberdade

Bem... vou ser direta. Liberdade é uma correspondência para a qual dizem... dá trabalho! Há uns anos atrás ouvi isso de uma professora. Não é de um dia para o outro que queres ser livre e ter “asas” como um pássaro. Também, quem diz que liberdade é fácil? E tu? Tu que estás a ler isto, achas que tens liberdade? Sempre que eu quero ter liberdade para ser eu mesma dentro de casa, acabo sempre por perder uma chance a cada 2 minutos, literalmente. Uma vez, num feriado do dia 25 de abril, dormi até tarde. Quando acordei eram quase 11 horas e pensei que queria sair. Mas pra onde? Fui à sala e perguntei à minha avó: — Bom dia, mãe! (trato a minha avó por mãe) Hoje podemos sair? — perguntei eu ainda com os olhos meio fechados e meio abertos. Ela olhou para mim e disse: — Não vai dar, estou com muito trabalho. — Mas ninguém trabalha num feriado! — Desculpa Aline, mas hoje não é possível! Naquele momento parece que tudo se desfez... O dia 25, a minha alegria e... a coisa mais importante — a minha própria liberdade! — Vais ter que tentar divertir-te com outra coisa, como as tuas bonecas! Tens tantas bonecas! Nesse momento fui a correr para o meu quarto e voltei para a sala. — O que foste tu fazer? — perguntou a minha avó a olhar para mim, paralisada no centro da sala. — Eu acho que elas estão a vigiar-me, mãe! — Elas quê? As bonecas? Oh, Aline já és crescida! Valha-me Deus! — Eu só tenho 1,59m de altura, mãe! — Eu disse crescida de mentalidade. — Ah, ok! Eu não tinha percebido! — Tu nunca percebes, Aline! Tu nunca percebes!

Depois dei uma risada e fui escovar os dentes para tomar o pequeno almoço. Depois de comer, fui ver televisão e a minha avó saiu.

— Vou sair. Comporta-te!

— Claro, eu sempre me comporto bem.

Mal a minha avó saiu, fui trocar de roupa e saí. Eu sei que não foi a melhor decisão, mas para mim era dia 25 de abril. Então fui ao parque, sentei-me num banco e comecei a filosofar:

— Quem se atreveria a trabalhar num dia como este? Quem se atreveria a trabalhar no único dia para ser livre? Bem, no presente, a liberdade dá trabalho aos adultos, e no futuro, também a mim. Mas sabe bem ser livre e sentir a brisa suave do vento num lugar em que sabemos que reina a liberdade.

Ao longe eu vi a minha avó e encolhi-me só para não ver o que ia acontecer.

E aconteceu...

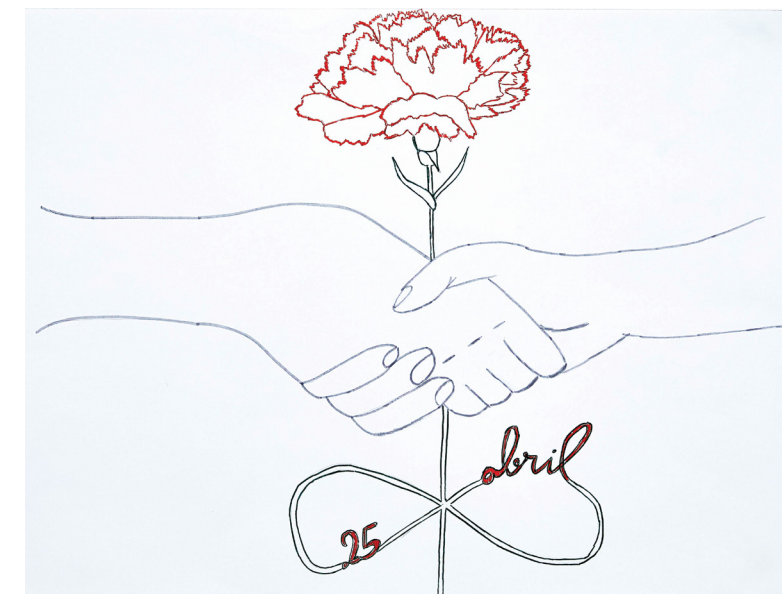
Ela só olhou para mim e sorriu. Sabem?

Sorrir! E eu dei-lhe um abraço

e aproveitámos o resto do dia.

Mas o dia 25 não é apenas um dia para celebrar a menina do cravo e a liberdade.

É também sobre a família e sobre ter tempo para ela... e para pensar que, daqui a uns anos, a liberdade pode vir a dar muito trabalho!



Texto: Aline Barros, 7º A, EB 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

Ilustração: Raquel Gomes, 7º B, EB 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette

25 de Abril inspira

25 de Abril Uma guerra com flor Cravo vermelho simboliza amor	PIDE, censura Sem direito de expressão O povo uniu-se às tropas Fartos de opressão	Perseguido e controlado Um povo sem respirar Uma pátria reprimida Livre só no pensar
Foi um dia importante Representa a liberdade o fim da ditadura e o direito à igualdade	Portugal estava pobre Triste e sem sonhar Rapazes e raparigas Juntos não podiam estar	Hoje vivemos todos Em democracia A herança de abril No nosso dia a dia
“E depois do adeus” Música de intervenção A senha do código para iniciar a revolução	Música e livros Cultura apreendida! E até a Coca Cola Estava “impedida”!	Obrigado MFA VIVA A LIBERDADE O 25 de Abril Nunca terá idade!
Democracia à vista! Capitães em ação Do Quartel da Pontinha comandaram a operação	O direito ao voto Era restritivo Calças para mulheres Também era proibido	

Texto: Alunos colaboradores da Biblioteca Escolar da EB 2/3 Avelar Brotero com a orientação da PB.
AE Adelaide Cabette

Ilustração: Valeria Pika, 5º E, EB 2/3 Avelar Brotero, AE Adelaide Cabette





O 25 de Abril

O 25 de Abril
é sinónimo de revolução.
Foi uma revolta
feita com o coração.

O povo português
estava descontente.
E por isso
resolveu juntar toda a gente.

O povo unido
fez a revolução.
Juntos com a tropa
e os cravos na mão.

A partir daquele dia
a liberdade de expressão.
Foi uma conquista
feita pela a união.

Eu sou criança
mas vou relembrar.
O 25 de Abril
como um dia exemplar.

Texto: Diogo Santos, 4º B, Escola Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

Ilustração: Carolina Farinha, 4º B, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

Capitão Salgueiro Maia

Era uma vez um Capitão das Forças Armadas chamado Salgueiro Maia que fazia parte de um grupo secreto de militares chamado MFA (Movimento das Forças Armadas) e que tinha como objetivo devolver a liberdade ao país.

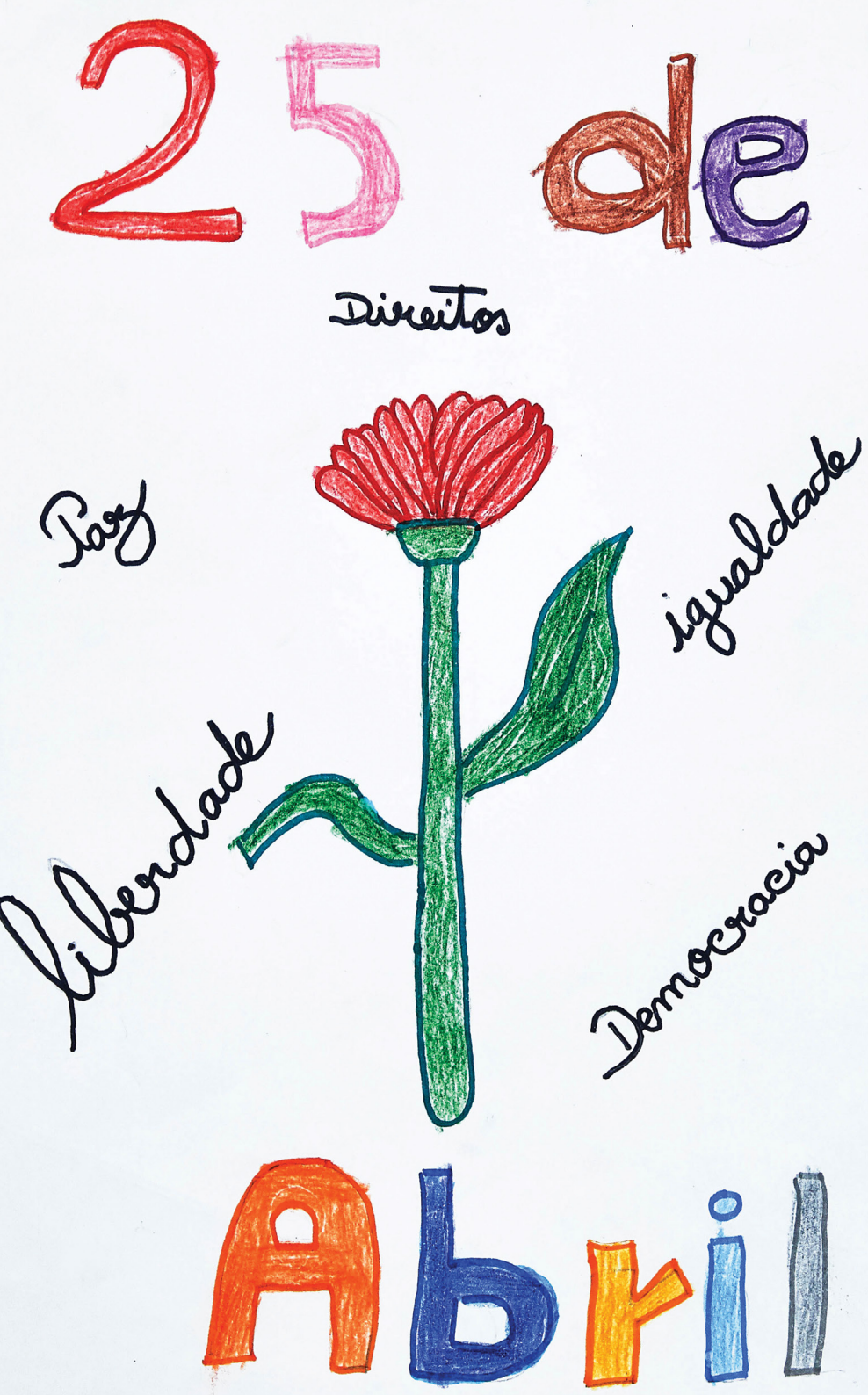
Na altura, Portugal era governado pela Ditadura, que era um regime onde não se votava livremente.

Ao início da madrugada de 25 de abril de 1974, Salgueiro Maia estava à espera da senha para ir de Santarém para Lisboa com os seus soldados. A senha tocou na rádio. Era a canção “Grândola, Vila Morena” de Zeca Afonso.

Depois de ouvir a senha, Salgueiro Maia partiu para Lisboa com os seus soldados. Após várias peripécias, chegou ao Quartel do Carmo. No Quartel do Carmo, Marcello Caetano rendeu-se e todos ficaram contentes, porque tínhamos um novo regime chamado Democracia.

O povo e os soldados festejaram com cravos e o cravo ficou conhecido como a flor da liberdade. Daí em diante o 25 de abril passou a ser festejado como o Dia da Liberdade.





O Dia da Liberdade

Antigamente, em Portugal
 Não havia liberdade
 Vivíamos em ditadura
 É esta a verdade!

Não podíamos dizer
 Tudo o que queríamos
 O governo controlava
 Tudo o que fazíamos

Mas no dia 25 de abril de 1974
 Houve uma revolução
 Os portugueses lutaram
 Por liberdade e união

Foi a Revolução dos Cravos
 Que dia de alegria!
 Fomos todos bravos
 Assim chegou a harmonia!

Texto: Gabriela Moraes, 4º A, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

Ilustração: Rodrigo Coelho, 4º A, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

25 de Abril, revolução pela Liberdade

25 de Abril
Revolução dos Cravos
E Marcello Caetano
Saiu dos seus cargos.

Caetano saiu
Acabou a guerra colonial
Isso é que foi
Uma obra genial.

Finalmente
Houve Liberdade,
25 de Abril,
Ficou para a eternidade.





O Zé tinha 11 anos. Desde os 8 que não via o seu pai.
Tinha muitas saudades. O seu pai estava preso!
Não tinha assaltado um banco, não magoou ninguém. Apenas não concordava com a política de Portugal.
Mas, no dia 25 de abril de 1974, os militares portugueses revoltaram-se!
A sua mãe não o deixou ir à rua. Viu tudo pela janela. Os militares tinham armas com cravos. Não davam tiros, iam em paz.
À noite tiveram uma grande surpresa! Bateram à porta! Era o seu pai!
O Zé abraçou-o com força! Nunca mais ninguém os separaria.
Era o menino mais feliz do mundo, e Portugal um país livre.

Texto: Joaquim Castro, 4º B, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

Ilustração: Matilde Martins, 4º B, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

Uma data especial
em abril comemoramos.
Um feriado nacional
que nós festejamos.

Foi a revolução!
O dia da liberdade
prestem atenção
que o que digo é verdade.

Choraram mães
e muitos capitães.
A liberdade chegou
e isso se afirmou!

A flor que era o cravo
a nossa salvação
deixou de haver escravos
na palma da mão.



Texto: Inês da Silva, 4º B, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

Ilustrações:
Inês da Silva, 4º B, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette
Alice Duarte Mateus, 4º A, EB Maria Máxima Vaz, AE Adelaide Cabette

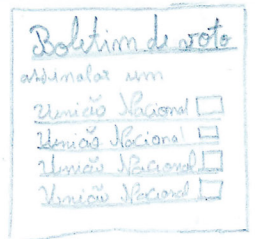


Era uma vez um país que não tinha liberdade de expressão.

CENSURA



Nesse país lá havia um partido. Este país era Portugal.



ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR



⇒ ANTIGO MINISTRO DAS FINANÇAS (passa a comandar o país).

CENSURA

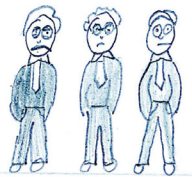


GUERRA DAS COLÓNIAS PORTUGUESES EM AFRICA

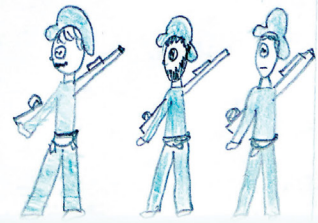
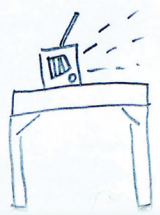
Salazar ficou doente e foi substituído por Marcello Caetano.



POLÍCIA POLITICA PIDE

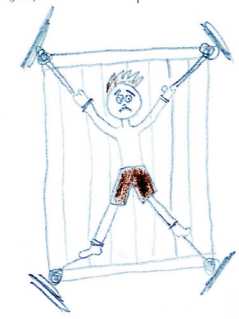


25 de ABRIL 1974



"E DEPOIS DO ADEUS" GRÁNDOL A VILA MORENA

As pessoas que não concordavam com o regime eram torturadas, até mesmo assassinadas.



CERCANDO Marcello Caetano, o povo e os militares obrigaram-o a render-se.



EM VEZ DE BALAS

CRAVOS VERMELHOS



AO FIM DE 48 ANOS termina a ditadura mais longa da Europa Ocidental do século XX.

Nas ruas a tristeza deu lugar à alegria.

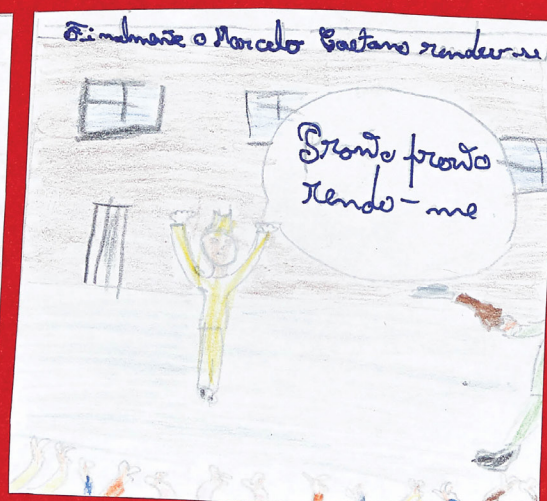
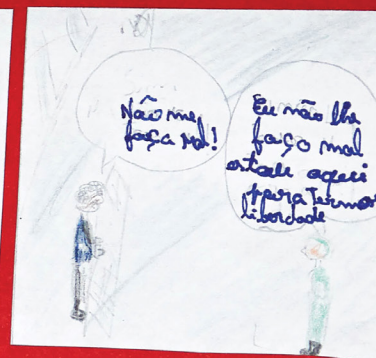


ponta pé para o fim da ditadura.

EM PORTUGAL, em vez de censura LIBERDADE!



Fim!!!





Quando se tinha de partir

Testemunhos da Guerra Colonial

Na nossa turma do 9º ano, da Escola Secundária Braamcamp Freire, foram muitos os familiares e conhecidos que participaram na Guerra Colonial, a qual começara em 1961 e durou até ao 25 de abril de 1974.

Jorge Santos ganhou a alcunha de “Perna de Pau” quando voltou da guerra. Foi apelidado assim porque foi para a guerra e com muita sorte, ou talvez azar, não morreu e voltou apenas mutilado por uma mina que o fez perder uma perna. Hoje em dia usa uma prótese para poder andar. Combateu em Angola.

José Moreira, um primo da minha madrinha, depois de ter passado por esta experiência tão violenta, sofre até hoje de stress pós-traumático. Combateu na Guiné-Bissau.

.

O meu avô materno esteve na Guerra Colonial. Ele saiu de Portugal em 1970, no barco Carvalho Araújo em direcção à Guiné, onde esteve durante 27 meses.

Lá eles andavam no mato a montar segurança, ou seja a guardarem aquele espaço.

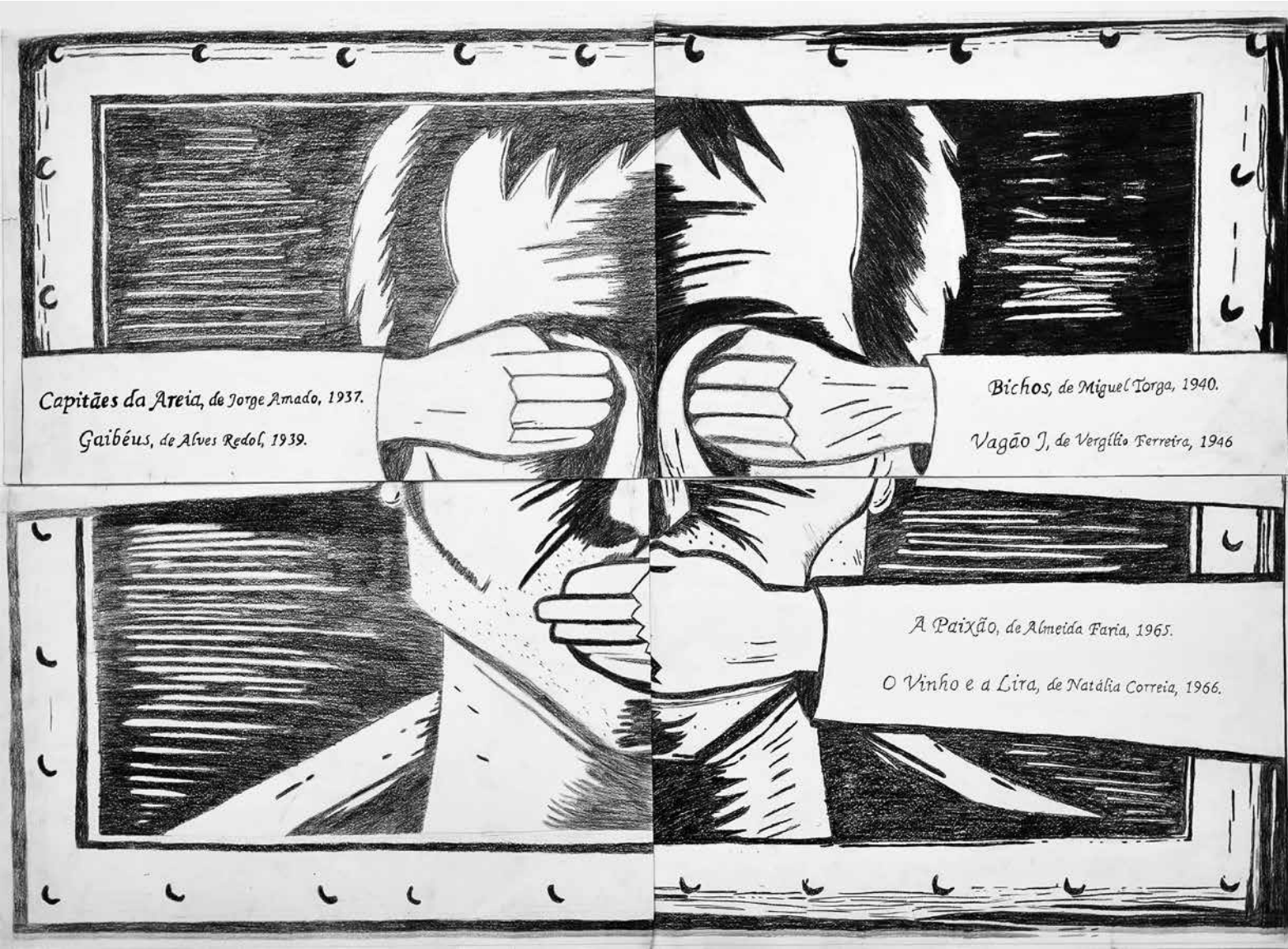
O episódio que mais o marcou foi quando eles iam numa coluna de 18km e rebentou uma mina anti-carro, provocando 18 feridos.

O meu avô ficou 2 meses hospitalizado em Bissau. Depois desse acontecimento, como já via mal, ficava à noite a guardar o quartel.

Texto 1: Matilde Santos, 9º 3, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire

Texto 2: Fabiana Necho, 9º 3, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire

Ilustração: Constança Rafael Simas, Beatriz Teodoro Alves, Samuel Castanheiro e Mariana Pereira, 9º 2, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire





Quando se tinha de partir

Relatos da Emigração no Estado Novo

Silvério Mata, Aveiro (1933-)

O jovem Silvério vinha de uma família do meio rural e sobrevivia do cultivo da terra. Em 1952, o meu avô paterno para fugir à guerra colonial, foi de Aveiro até ao Brasil de barco. Antigamente essas viagens duravam muito tempo e pelo que sei eram muito cansativas.

Passados três anos o meu avô vai para a Venezuela, mais precisamente para Caracas, em busca de melhores condições para ele e a sua família, onde ficou até à década de 1970. Ele casara com a Maria Matias e tiveram duas filhas que só mais tarde foram de avião ter com ele.

Nessa época vivia-se em ditadura, na Venezuela, e lá, como em Portugal, havia muita censura, polícia política, entre outros.

Serafim Novo, Aveiro (1948-2013)

O meu avô materno foi para a pesca do bacalhau e passado algum tempo quando ele estava em casa recebeu uma carta para se apresentar na tropa.

Ora, para fugir a isso o meu avô voltou para o Bacalhau outra vez, agora com 21 anos de idade. O barco onde ele esteve foi o “Santa Joana”, que está exposto no Museu Marítimo de Ílhavo.

Texto: Mónica Matias, 9º 3, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire

Ilustração: André Gonçalves, 9º 2, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire

Testemunho do Meu Avô na Guerra Colonial

Em 1969, o meu avô com 21 anos, foi destacado de Loures para a base moçambicana de Mueda, apenas 9 meses, mas sempre a dormir debaixo de terra.

Depois passou 13 meses em Magoé, mais calmos e na volta ficou 3 meses de férias, na região da Beira, à espera de voltar a Portugal.

Na guerra há o lado mau, como ver os camaradas a tombar.

Aqueles traumas que uma pessoa não esquece, há certas coisas pelas quais passamos que, por vezes, nos bate. Mesmo quando não queremos, acabamos por nos lembrar dos piores momentos.

O lado bom, os momentos com os amigos, unidos, Um por Todos e Todos por Um!

Quando havia tempo, falávamos de futebol, jogávamos à bola.

Na ida para lá era ainda um miúdo.

E a Guerra fez-nos crescer muito, fez-nos ser mais humanos.

Nós fazíamos buscas e encontrávamos aldeias no meio do nada com criancinhas a morrer de fome e mulheres com os maridos longe. E aquilo comovia uma pessoa.

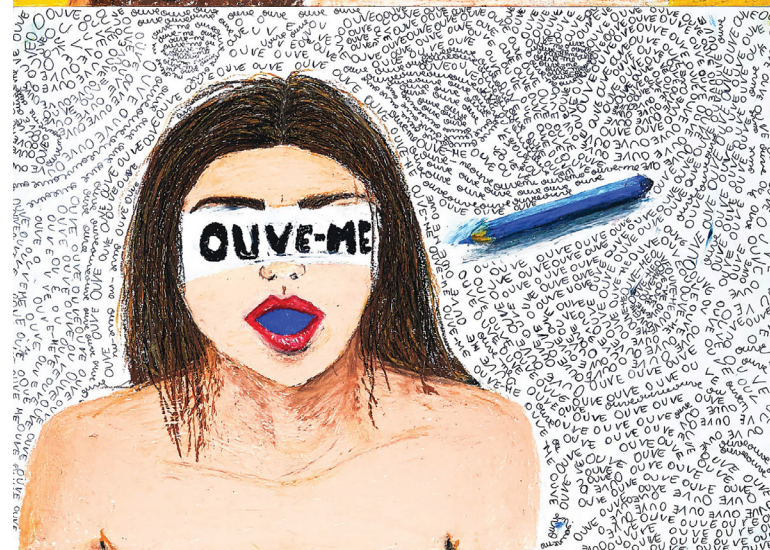
A tua tia Elisa enviava-me o jornal da Bola, era o único jornal que aparecia lá no quartel. Quando chegava o correio, o jornal passava pelas mãos de toda a gente, até pelo comandante, pelo capitão, pelo sargento.

São essas pequenas coisas que marcam para a vida.



Texto: Luís Lima, 9º 3, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire

Ilustração: José Ferreira, 9º 2, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire



Eu sou a censura e o meu parceiro é o lápis azul criado pela PIDE. Proibimos qualquer crítica ao governo e ideias revolucionárias nos jornais, televisão, teatro, livros e filmes. Tudo começou em 1926, com a ditadura militar que trouxe António de Oliveira Salazar para ministro das Finanças. Entrei logo em ação, carimbando “CORTADO”, “AUTORIZADO COM CORTES” ou “SUSPENSO” nos meios de comunicação, tirando a liberdade de expressão às pessoas e encurralando-as.

Humberto Delgado, Mário Soares, Álvaro Cunhal, foram algumas das vítimas da PIDE — Polícia Internacional e de Defesa do Estado (ex PVDE), a polícia política do Estado Novo que abrangia também o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; passando a chamar-se DGS, após o decreto-lei 49 401 de 24/11/1969. Muitos opositores tiveram de exilar-se e alguns até foram assassinados, como o general Humberto Delgado ou o escultor Dias Coelho que confrontaram Salazar, sem demonstrar medo. Salazar tinha várias “máscaras”, tanto perseguia e prejudicava as pessoas, como as ajudava. Era malvado com os adversários e justo com os inocentes (se concordassem com as suas ideias), mas foi como ditador que perdurou na memória dos portugueses.

Texto: Adelaide Santos, Afonso Pereira, Ana Rita Russo, Ana Rita Mendes, André Gonçalves, Beatriz Cardoso, Diana Rodrigues, Fabiana Rodrigues, Hillary Lima, José Ferreira, Liliana Vaz, Margarida Gomes e Yasmine Candido, 9º 2, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire

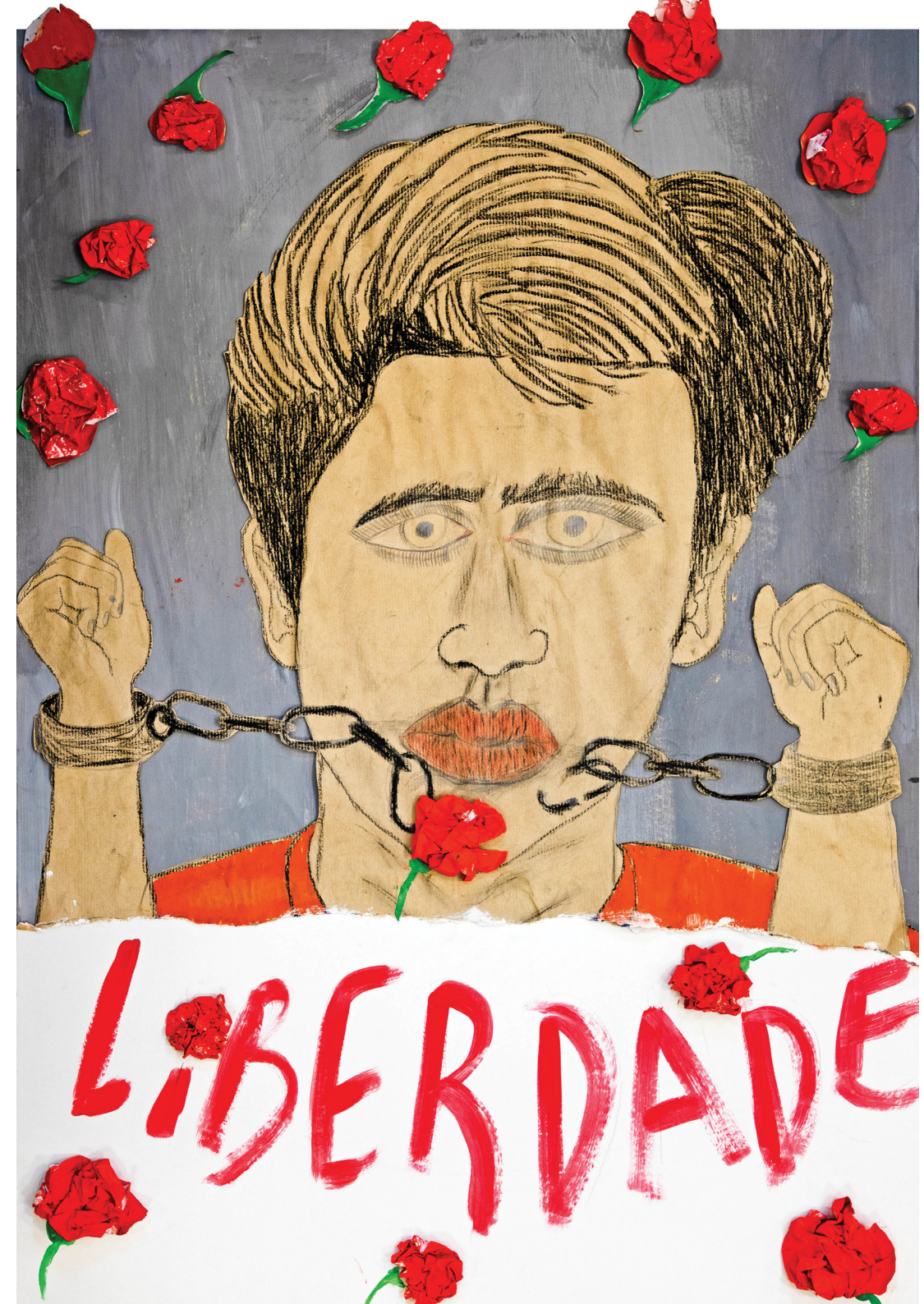
Ilustração: Yasmine Candido, Hillary Lima e Liliana Vaz, 9º 2, Escola Secundária Braamcamp Freire, AE Braamcamp Freire

Cartazes ilustrados





Bernardo Pires Ricardo, 12º AV, Escola Secundária Pedro Alexandrino, AE Pedro Alexandrino



Alunos do 10º C, Escola Secundária de Odivelas, AE Adelaide Cabette



Eduardo Almeida, 10º AV1, Escola Secundária de Caneças, AE de Caneças



Alunos do 10º C, Escola Secundária de Odívetas, AE Adelaide Cabette

liberdade



Inês Silva e Sara Almeida, 11º AV1, Escola Secundária de Canegas, AE de Canegas



Lucia Neves, 12º AV, Escola Secundária Pedro Alexandrino, AE Pedro Alexandrino

Alunos autores das histórias e ilustrações:

Agrupamento de Escolas Braamcamp Freire
— Escola Secundária Braamcamp Freire

Fabiana Necho, 9º 3
Luís Lima, 9º 3
Matilde Santos, 9º 3
Mónica Matias, 9º 3
Adelaide Santos, 9º 2
Afonso Pereira, 9º 2
Ana Rita Mendes, 9º2
Ana Rita Russo, 9º 2
André Gonçalves, 9º 2
Beatriz Alves, 9º 2
Beatriz Cardoso, 9º 2
Constança Simas, 9º 2
Diana Rodrigues, 9º 2
Fabiana Rodrigues, 9º 2
Hillary Lima, 9º 2
José Ferreira, 9º 2
Liliana Vaz, 9º 2
Margarida Gomes, 9º 2
Mariana Pereira, 9º 2
Samuel Castanheiro, 9º 2
Yasmine Candido, 9º 2

Agrupamento de Escolas Pedro Alexandrino
— Escola Secundária Pedro Alexandrino

Ana Gonçalves, 7º 7
Ana Maria Ferro, 7º 7
André Gonçalves, 7º 7
Bárbara Silva, 7º 7
Beatriz Pinto, 7º 7
Beatriz Rodrigues, 7º 7
Carolina Dias, 7º 7
David Sequeira, 7º 7
Enzo Fiel, 7º 7
Fernanda Neves, 7º 7
Francisca Torres, 7º 7
Francisco Marques, 7º 7

Gabriela Chaves, 7º 7
Iara Monteiro, 7º 7
João Colónia, 7º 7
Joel Silva, 7º 7
Mariana Cunha, 7º 7
Mariana Gomes, 7º 7
Martim Moreno, 7º 7
Rafael Mira, 7º 7
Rafaela Gyaloj, 7º 7
Rodrigo Monteiro, 7º 7
Rui Cruz, 7º 7
Simão Lopes, 7º 7

Agrupamento de Escolas Vasco Santana
— Escola Básica 2/3 Vasco Santana

Bernardo Leal, 6º F
Clara Mestre, 9º E
Mafalda Ramos, 6º E
Mariana Coelho, 6º E
Soraia José, 9º E

— Escola Básica 1º Ciclo Casal dos Apréstimos

Ana Vitória, 4º A
Beatriz Santos, 4º A
Carolina Ferreira, 4º A
David Marita, 4º A
Denisa Carvalho, 4º A
Diana Lourenço, 4º A
Diego Cunha, 4º A
Diogo Firmino, 4º A
Flávia Marçal, 4º A
Gonçalo Cunha, 4º A
Gonçalo Pedroto, 4º A
Guilherme Rodrigues, 4º A
Joana Coelho, 4º A
Linda, 4º A
Lourenço Santos, 4º A
Luís Domingos, 4º A

Madalena Pinto, 4º A
Maria Coutinho, 4º A
Maria Laranjeira, 4º A
Martim Rodrigues, 4º A
Raquel Simões, 4º A
Rita Silva, 4º A
Rodrigo Rodrigues, 4º A
Sofia Oliveira, 4º A
Tiago Amorim, 4º A

Agrupamento de Escolas Adelaide Cabette
— Escola Básica 2/3 Avelar Brotero

Alicia Moreira
Aline Barros, 7º A
Ashley Oliveira
Elber Martins, 8º A
Isabella Caldas, 5º B
Joana Ramalheiro, 6º D
Luiz Batista, 8º A
Luna Fontes, 6ºA
Maria do Carmo Lima, 6º D
Raquel Gomes, 7º B
Valeria Pika, 5º E

— Escola Básica 1º Ciclo António Maria Bravo

Aakriti Magar, 3º/ 4º C
Acácia Feliciano, 3º/ 4º C
Alef Andrade, 3º/ 4º C
Andria Monteiro, 3º/ 4º C
Bárbara Santos Matos, 3º/ 4º C
Emanuel Barros, 3º/ 4º C
Harnoor Singh, 3º/ 4º C
Iara Lourenço, 3º/ 4º C
Leonor Parreira, 3º/ 4º C
Marcos Dutra, 3º/ 4º C
Maria Martins, 3º/ 4º C
Mélanie Carvalho, 3º/ 4º C
Nicole Machado, 3º/ 4º C
Pamela Silveira, 3º/ 4º C
Rodrigo Ferreira, 3º/ 4º C
Samuel Bezerra, 3º/ 4º C

Tiago Canto, do 3º/ 4º C
Tiago Helmer, 3º/ 4º C
Victor Faustino, 3º/ 4º C
Wesley Adão, 3º/ 4º C
Adalgisa Panzo, 4º A
Afonso Ferraz, 4º A
Alexandre Gongga, 4º A
Ana Rita Alves, 4º A
Beatriz Nogueira, 4º A
Carolina Souto, 4º A
Catharina Pinto, 4º A
Diogo Ferraz, 4º A
Edgar Torres, 4º A
Eduardo Paulo, 4º A
Ian Rebelo, 4º A
Iara Fernandes, 4º A
João Ricardo Rodrigues, 4º A
Kethellyn Tavares, 4º A
Lara Mendes, 4º A
Madalena Antunes, 4º A
Margarida Moreira, 4º A
Mariana Carvalho, 4º A
Marley Rosa, 4º A
Martim Vaz, 4º A
Rodrigo Nascimento, 4º A

— Escola Básica 1º Ciclo Maria Máxima Vaz

Carolina Farinha, 4º B
Diogo Santos, 4º B
Inês da Silva, 4º B
Joaquim Castro, 4º B
Mariana Marques, 4º B
Matilde Martins, 4º B
Santiago Gomes, 4º B
Simão Ramos, 4º B
Alice Mateus, 4º A
Gabriela Moraes, 4º A
Margarida Vilela, 4º A
Rafael Dinis, 4º A
Rodrigo Coelho, 4º A

Agrupamento de Escolas a Sudoeste de Odivelas
— Escola Básica 2/3 António Gedeão

Ana Carolino Patrício, 6º E
Carolina Rodrigues, 6º E
Inês Filipe, 6º E
Lara Pinto da Silva, 6º E
Leonor David, 6º E
Lia Nabais Silva, 6º E
Margarida Figueiredo, 6º E
Maria Eduarda Marques, 6º E
Maria Leonor Simões, 6º E
Patrícia Silva, 6º E
Sara Catea, 6º E
Sénia Gomes, 6º E
Beatriz Rito, 5ºA
Lara Gama, 5º A

— Escola Básica 1º Ciclo/JI Veiga Ferreira

Ana Rita Simões, 4º L
António Duarte Paiva, 4º L
Bárbara Silva, 4º L
Benedita Pedro, 4º L
Carolina Gonçalves, 4º L
Diana Helena, 4º L
Francisco Ferreira, 4º L
Gonçalo Baltasar, 4º L
Isabela Carvalho, 4º L
João Correia, 4º L
Lara Guerra, 4º L
Laura Alves, 4º L
Leonor Garrido, 4º L
Leonor Loureiro, 4º L
Maria Rita Valente, 4º L
Mariana Rodrigues, 4º L
Mónica Pedro, 4º L
Oriana Campos, 4º L
Rita Duarte, 4º L
Rodrigo Catalão, 4º L
Roxana Straista, 4º L
Rui Martins, 4º L

Agrupamento de Escolas de Caneças
— Escola Secundária de Caneças

Beatriz Almeida, 12º Lh2
Cláudia Graça, 12º Lh2
Inês Cerdeira, 8º H
Jéssica Cruz, 8º H
Margarida Torrão, 12º Lh2
Maria Leonor Pereira, 12º Lh2
Verónica Moreira, 12º Lh2

— Escola Básica 2/3 dos Castanheiros

Afonso Nascimento, 6º D
Ana Sofia Domingues, 6º D
Bernardo Alves, 6º D
Diana Tavares, 6º D

Agrupamento de Escolas D. Dinis
— Escola Básica 1º Ciclo/JI Maria Lamas

Alex Soares, 4º A
Ana Pires, 4º A
Andreia Nascimento, 4º A
Bruna Faria, 4º A
Diogo Rodrigues, 4º A
Eloísa Barros, 4º A
Francisco Coutinho, 4º A
Gabriel Gomes, 4º A
Gaspar Andrade, 4º A
Helena Coelho, 4º A
Henrique Afonso, 4º A
João Dinis Lopes, 4º A
Madalena Pêgo, 4º A
Maria Beatriz Neto, 4º A
Maria Beatriz Gonçalves, 4º A
Marian Stefan Titu, 4º A
Matilde Santos, 4º A
Melvin D’Almeida, 4º A
Paulo Magalhães, 4º A
Rafael Carvalho, 4º A
Rodrigo Simões, 4º A
Rui Baptista, 4º A

Sara Fernandes, 4º A
Tiago Vicente, 4º A
Violeta Pereira, 4º A

— Escola Secundária da Ramada

Diana Oliveira, 9º A
Margarida Nunes, 9º A
Lara Lomba, 9º E
Matilde Brito, 9º E
Gonçalo Francisco, 12º B
Margarida Martins, 12º B
Nuno Gil, 12º B

Agrupamento de Escolas Moinhos da Arroja
— Escola Básica 1º Ciclo/JI Manuel Coco
Turma 4º B

— Escola Básica 1º Ciclo/JI Porto Pinheiro

Turma 4º A
Afonso Oliveira, 4º B
Afonso Morna, 4º B
Turma 4º C
Joana Melo, 4º C

Alunos das turmas de Artes:
— Escola Secundária de Caneças

Filipa Ramos, 11º AV1
Helena Vitorino, 11º AV1
Inês Silva, 11º AV1
Eduardo Almeida, 10º AV1
Sara Almeida, 11º AV1

— Escola Secundária de Odivelas
Turma 10º C

— Escola Secundária Pedro Alexandrino

Bernardo Pires Ricardo, 12º AV
Lúcia Neves, 12º AV

Professores que colaboraram no projeto:

Isabel Antunes, Coordenadora das Bibliotecas do Concelho de Odivelas
Isabel Henriques, AE Braamcamp Freire
Maria de Fátima Pinto, AE Braamcamp Freire
João Nuno Machado, AE Caneças
Sofia Mendes, AE Caneças
Ana Cristina Alves, AE Vasco Santana
Filipa Pinto, AE Vasco Santana
Maria Emília Antunes, AE a Sudoeste de Odivelas
Maria Antónia Carmo, AE a Sudoeste de Odivelas
Aura Maria Figueira, AE Pedro Alexandrino
Cecília Teixeira, AE Adelaide Cabette
Ana Maria Calvário, AE Adelaide Cabette
Carlos Pascoal, Escola Secundária da Ramada
Carla Lopes, EB1 António Maria Bravo
Maria Piedade Duarte, EB1 António Maria Bravo
Ana Sofia Antunes, EB1/JI Maria Lamas
José Joaquim Machado, Escola Secundária Braamcamp Freire
Maria Cristina Romãozinho, EB 2/3 Avelar Brotero
Maria Leonor Moreira, EB 2/3 Avelar Brotero
Ana Maria Pereira, EB1 Maria Máxima Vaz
Maria Amélia Leitão, EB1 Maria Máxima Vaz
Edite Bartissol, EB 2/3 dos Castanheiros
Maria Martinha Vilamariz, EB 2/3 dos Castanheiros
António Bila, Escola Secundária de Caneças
Paula Cortes, Escola Secundária de Caneças
Camila Luís, Escola Secundária de Caneças
Cecília Martins, Escola Secundária de Caneças
Vera Oliveira, EB 2/3 Vasco Santana
Margarida Cuba, EB 2/3 Vasco Santana
Vanessa Cardoso, EB1 Casal dos Apréstimos
Celeste Quintino, Escola Secundária da Ramada
Manuela Bispo, Escola Secundária da Ramada
Paula Cristina Serrano, EB 2/3 António Gedeão
Maria de Lurdes Borges, EB1/JI Veiga Ferreira
Isabel Mendes, Escola Secundária Pedro Alexandrino
Teresa Abrantes, Escola Secundária Pedro Alexandrino
Salomé Silvério, Escola Secundária de Odivelas
Susana Silveira, EB1/JI Porto Pinheiro

Ficha técnica

Título: Histórias de Abril — Um Passado com Presente

Autoria: Alunos de escolas do concelho de Odivelas

Ilustração da capa: Filipa Ramos, 11.º AV1, Escola Secundária de Caneças, AE de Caneças

Coordenação editorial: Miguel Correia (Ideias com História)

Direção de arte e paginação: Joana M. Gomes (Ideias com História)

Coordenação do projeto:

Ana Cristina Oliveira (Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Odivelas)

Dilar Pelica (Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Odivelas)

Direção do Projeto: Helena Jardim (Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Odivelas)

Colaboração:

Miguel Ferreira (Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Odivelas)

Joana Varge (Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Odivelas)

Fotografias: Secção de Imagem da Câmara Municipal de Odivelas

ISBN: 978-989-8937-05-6

1.ª edição: Ideias com História / 2019



Este livro traz-nos um olhar dos mais novos sobre o 25 de abril de 1974 e o seu significado, numa visão que cruza o tempo através de inúmeros textos e ilustrações. Dezenas e dezenas de crianças e jovens transmitem-nos as suas histórias, certezas, incertezas; episódios de quem lhes está próximo e viveu uma realidade com quase meio século, mas ainda tão viva. A particularidade? Este é um livro em que todos os autores são alunos de escolas do concelho de Odivelas, onde esteve instalado o Posto de Comando do MFA, no Quartel da Pontinha.

LIBERDADE



PORTUGAL

ISBN 978-989-8937-05-6



9 789898 937056